



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MICHELLY CONCEIÇÃO CARDOSO**

**CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS: HISTÓRIA, CULTURA E  
RESISTÊNCIA FEMININA EM ABAETETUBA**

**CAMETÁ- PA**

**2019**

**MICHELLY CONCEIÇÃO CARDOSO**

**CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS: HISTÓRIA, CULTURA E  
RESISTÊNCIA FEMININA EM ABAETETUBA**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a  
Faculdade de História/UFPA-Campus Universitário do  
Tocantins, como um dos pré-requisitos para a obtenção do  
grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação  
da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto**

**UFPA/CUNTINS-CAMETÁ-PA**

**2019**

**MICHELLY CONCEIÇÃO CARDOSO**

**CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS: HISTÓRIA, CULTURA E  
RESISTÊNCIA FEMININA EM ABAETETUBA**

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto  
Orientadora

---

Professora Mestra Meurygreece Caldas Faria  
Membro da Banca

---

Professora Mestranda Fernanda Nílvea Pompeu Varela  
Membro da Banca

UFPA/CUNTINS-CAMETÁ-PA

2019

*Em memória de Nina Abreu e Maria de Nazaré Carvalho Lobato,  
mulheres que são referências para cultura abaetetubense, que me  
inspiraram para realização desta pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Federal do Pará por me conceder uma educação e formação de qualidade, gostaria de agradecer a minha faculdade de história da amazônia tocatina (FACTHO) e aos professores por me possibilitar um olhar crítico perante as vivências do cotidiano, na qual garantiu a formação de uma educadora consciente de sua atuação na formação de sujeitos pensantes e críticos, que através de uma educação de qualidade ocuparam os espaços que almejem em sociedade.

Ao meu grupo de pesquisa, História, Educação e Linguagem na região Amazônica (GPHELRA). E a minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto, que me acompanhou nesse ardo processo de produção desta pesquisa; me incentivando para seguir com força e coragem perante a caminhada de elaboração deste trabalho, garantindo assim a possibilidade de concluir o curso dos meus sonhos.

Meus sinceros agradecimentos aos sujeitos mencionados nesta pesquisa, que me receberam com tanto carinho e afeto em suas residências me contando um pouco de suas memórias vividas nos cordões juninos, sem eles esse trabalho não se tornaria real.

Agradeço aos meus pais; Jucilane Silva e Valdir Cardoso por me acompanharem desde o início desta jornada me apoiando e acreditando no meu sonho em que a filha da classe trabalhadora se formaria na universidade, aos meus avós maternos Odete e Leonel e paternos; Velina e Antônio por sempre estarem do meu lado.

Não posso deixar de mencionar alguns dos meus companheiros de curso que caminharam comigo do início ao afim dessa jornada; Daélem Rodrigues, Karollyny Nunes, Gisele Monteiro, Marlon Xavier e Yasmin Costa, este grupo formado com amor e carinho e por alguns momentos ódio me acompanhou nesse processo ardo de 4 anos de graduação. Agradeço ao meu companheiro de vida Gildo Gonçalves por estar do meu lado nos momentos difíceis da produção dessa pesquisa.

Agradeço infinitamente as forças superiores por me iluminarem até aqui. Gratidão por tudo.

## RESUMO

O trabalho objetiva analisar as práticas desenvolvidas por mulheres nos cordões de bois e pássaros juninos em Abaetetuba, bem como, as classes sociais envolvidas nestas práticas culturais, visando verificar qual a participação das menos favorecidas nesse evento, visto que seus enredos abordam as vivências cotidianas da população amazonida. Dessa forma, mostra-se como os cordões e pássaros juninos iniciaram-se, fortaleceram-se e encontram-se nos dias atuais, em Abaetetuba, visando enfatizar a importância desta prática cultural e quais são os indícios da ancestralidade indígena e negra nos cordões e pássaros juninos nesta localidade. Metodologicamente tem-se como apoio teórico metodológico obras de autores que auxiliaram na construção do estudo em questão, entre os quais destacam-se: PANTOJA (2018), LUREIRO (2000), LAGO (2014), SALLES(1971), GOMES (2007), CHARONE (2009), MAUÉS (2009), BARROS (2003), BOSI (2004), MENESES (1993), entre outros. Do mesmo modo, tendo como base a história oral, realizou-se pesquisa de campo, mediante entrevistas com homens e mulheres participantes dos cordões e pássaros juninos em Abaetetuba. Além disso, fez-se uso de fontes bibliográficas, escritas e imagéticas. Neste sentido, o estudo se ocupa das tradições populares e do cotidiano amazônico, tocando em questões de gênero, classe social e resistência ancestral, analisando dança, canto e os significados culturais envolvidos, evidenciando a presença feminina, seja na organização dos cordões ou escrevendo a respeito destes, tratando assim dos diferentes papéis de atuação da mulher como sujeito ativo nesta manifestação cultural. Dados da pesquisa apontaram que os Cordões de Bois e Pássaros Juninos presentes no município de Abaetetuba, apresentam uma forte ligação de conhecimentos passados de geração para geração, de mães para filhas, apresentando as relações de gênero que cercam a atuação feminina. Encontrasse nesses folguedos elementos da ancestralidade indígena e negra presentes no ambiente amazônico, através dos cantos, danças e atuações, o que notamos é como a população cria um teatro popular simples com elementos presentes em seu cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordões e Pássaros, Cultura, Gênero, Resistências

## **ABSTRACT**

The work aims to analyze the practices developed by women in the cords of oxen and Juninos birds in Abaetetuba, as well as the social classes involved in these cultural practices, aiming to verify the participation of the less favored in this event, since their plots address the daily experiences of the Amazon population. Thus, it is shown how the cords and junjian birds began, strengthened and found themselves today in Abaetetuba, aiming to emphasize the importance of this cultural practice and what are the indications of indigenous and black ancestry in the cords and juninos birds in this locality. Methodologically, the methodological theoretical support is based on works by authors who assisted in the construction of the study in question, among which stand out: PANTOJA (2018), LUREIRO (2000), LAGO (2014), SALLES(1971), GOMES (2007), CHARONE (2009), MAUÉS (2009), BARROS (2003), BOSI (2004), MENESES (1993), among others. Similarly, based on oral history, field research was conducted, through interviews with men and women participating in the cords and juninous birds in Abaetetuba. In addition, bibliographic, written and imaging sources were used. In this sense, the study deals with popular traditions and Amazonian daily life, touching issues of gender, social class and ancestral resistance, analyzing dance, singing and cultural meanings involved, evidencing the female presence, whether in organization of cords or writing about them, thus dealing with the different roles of women's performance as an active subject in this cultural manifestation. Research data pointed out that the Cordões de Bois and Pássaros Juninos present in the municipality of Abaetetuba, present a strong connection of past knowledge from generation to generation, from mothers to daughters, presented the gender relations surrounding the action Female. To find in these folguedos elements of indigenous and black ancestry present in the Amazonian environment, through the songs, dances and performances, what we notice is how the population creates a simple popular theater with elements present in their daily lives.

**KEYWORDS:** Cords and Birds, Culture, Gender, Resistance

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>HISTÓRIA CULTURAL DOS CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS EM ABAETETUBA .....</b>	<b>16</b>
1.1 Uma Breve História dos Cordões de Pássaros Juninos .....	16
1.2 Uma Breve História dos Cordões de Bois Juninos .....	19
1.3 A Cidade do Imaginário: Cordões de Bois e Pássaros Juninos .....	22
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>PROTAGONISMO FEMININO NA ATUAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS.....</b>	<b>30</b>
2.1 Mulheres Atuantes Na Historiografia .....	30
2.2 O Matriarcado Cultural .....	31
2.3 Continuidade do Trabalho Feminino .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>FONTES DE PESQUISA .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIOGRAFICAS.....</b>	<b>52</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo *Cordões de Bois e Pássaros Juninos: História, Cultura e Resistência Feminina em Abaetetuba, no Pará*, objetiva analisar as ações desenvolvidas por mulheres nos cordões e pássaros juninos na referida localidade, assim como, perceber as classes sociais envolvidas nestas práticas culturais, visando verificar qual a participação das classes menos favorecidas, visto que seus enredos trabalham o caboclo amazônico e o cotidiano dessa população.

Tais práticas culturais são de suma importância para entender as questões históricas que cercam o município de Abaetetuba, pois também representam uma forma de resistência para a história local. Contudo, para se falar de manifestações culturais nesse lócus é necessário destacar os trabalhos de Maria de Nazaré e Nina Abreu, mulheres, negras, que foram as principais atuantes neste município para que hoje possamos ter a oportunidade de acompanhar essas manifestações.

Neste sentido, este estudo dialoga com os trabalhos dessas mulheres, pois não tem como tratar da cultura popular de Abaetetuba sem esses dois referenciais, e esse ato não deixa de ser resistência, visto que deixar emergir através deste trabalho a representatividade e o protagonismo destas duas mulheres, uma vez que por um longo período da história, os fazeres femininos foram apagados, silenciados ou ainda, menosprezados. Assim, dialogar como os trabalhos de Maria de Nazaré e Nina de Abreu, significa fazer emergir através dos seus escritos e vivências, a presença feminina nas manifestações culturais abaetetubense. Para evidenciar ainda mais esse empoderamento, as apresento:

Maria de Nazaré Carvalho Lobato, é escritora, que buscou valorizar a cultura a partir dos seus escritos. No livro de sua autoria, “Do Banzo as Maresias Folgado Junino” (2005), apresenta-se, a exemplo, como os folguedos de Abaetetuba são carregados de ancestralidade e resistências, mostrando como a cultura deste lugar é rica de traços oriundos de populações negras e indígenas, formadores de costumes, vivências, práticas culturais e folclóricas abaetetubenses. Visto que, Maria de Nazaré Carvalho se preocupava em documentar através de escritos essas memórias que foram de suma importância para a constituição desse estudo.

Mestra Nina Abreu, uma artesã que nos presenteia com o seu talento de tecer sonhos, através dos brinquedos de miriti, reitera a importância dos ícones femininos dentro dos Cordões de Bois e Pássaros Juninos em Abaetetuba, por ter sido a responsável em continuar o trabalho de sua mãe nos cordões juninos, uma prática cultural constituída por teatro, música, dança e

religiosidade popular. A atuação de Nina Abreu em continuar o trabalho de sua mãe se estrutura a partir de conhecimentos passados através da oralidade e as vivências que a acompanhou desde pequena com a atuação e o trabalho de sua mãe a frente dos cordões juninos.

Amadou Hampâté Bâ (2010), um dos maiores estudiosos da tradição oral, destaca que quando nos referimos as sociedades Africanas temos que ter a tradição oral como principal referência ao citar as etnias africanas, pois sem destacar a oralidade dessas etnias se torna impossível se aprofundar das histórias do povo africano. Nota-se que o povo africano tem compromisso com a palavra, em escutar e guardar na memória e ensinamentos trazidos pelos mais velhos, a tradição oral que apresenta diversos ensinamentos presentes no cotidiano possibilita a ampliar para âmbito historiográfico para a possibilidade de pesquisar vivências populares passadas pela memória e a fala popular.

Os cordões Juninos no município de Abaetetuba apresentam ligações com a oralidade e a memória, pois a partir da pesquisa pude perceber como os ensinamentos passados de mães para filhas que através da fala e da vivências manteve a tradição de se produzir cordões juninos por um longo período no município. As obras que são meu suporte para apresentar o folguedo Boi e do Pássaro no município de Abaetetuba também se construiu através da oralidade local, o Livro de Maria de Nazaré “Do Banzo as Maresias Folguedo Junino” (2005), e a monografia de Mirian do Socorro Abreu da Silva “Centro Cultural e Artesanal Nina Abreu: Uma História de Luta pela Arte e Cultura Popular Abaetetubense” (1993), são os exemplos a serem referenciados aqui para ressaltar a importância da oralidade local do município.

Junto a isso, Vicente Salles (1994), ao pesquisar manifestações culturais, busca entender os folguedos da região nordestina e amazônica e, nestas observa no Boi Bumba, um ser mítico que morre e ressuscita. No município de Abaetetuba se verifica que os cordões juninos também apresentam em seu enredo o boi e o pássaro, a partir daí busca-se entender quais os significados dos destas práticas, suas danças, enredos e se estas, convergem com as análises de Vicente Salles.

Estudos da historiografia atual vêm buscando tratar as manifestações culturais do cotidiano da população de massa, uma vez que anteriormente tais práticas não eram observadas, prevaleciam os discursos e a cultura “grupos privilegiados”, descaracterizando, menosprezando e silenciando as demais práticas. Sob esse viés, Barros (2003) apresenta em de seus artigos um panorama sobre história cultural presentes na historiografia no século XX, um dos pesquisadores que Barros referência é Edward Thompson, pois para ele Thompson em seus trabalhos acrescentou conceitos fundamentais para história cultural das classes populares, Barros (2003) destaca a preocupação de Thompson: “ Em examinar a cultura e a sociedade não do ponto de

vista instituído, das instituições oficiais ou da literatura reconhecida, mas sim da perspectiva popular, das classes oprimidas”. (BARROS, 2003, p.6)

Desta forma, o presente trabalho tende a compreensão dos cordões de bois e pássaros juninos em Abaetetuba, enquadrando-o na história cultural, uma vez que trata exatamente de tradições populares do cotidiano amazônico, tocando em questões de gênero, classe e como tal festa se caracteriza como uma forma de resistência ancestral, através de dança, canto e de todo o significado pelo qual e sobre o qual se constitui.

Interagindo com obra “Batuque”, de Bruno de Menezes (1931), destaca-se que na estrutura interna dos seus poemas a transposição de elementos folclóricos, sobretudo a dança, o batuque dos **bamboleios e sapateiros**, sendo a festa, dança e seus símbolos como formas intrínsecas de resistências, imbricados nas práticas e ritos de um povo que ressignifica e reafirma sua cultura por meio de suas marcas históricas e identitárias. Desta forma, conforme afirmam Dias e Gebra, nos escritos de Bruno de Menezes, “a essência popular é encontrada por meio dos estudos folclóricos e dos linguajares do povo dos bairros populares” (Dias; Gebra-2012, p. 90)

Tais questões são visíveis nos Cordões de Bois e Pássaros Juninos, que apresentam a dança, a música e enredos, contando história do cotidiano amazônico, mostrando a resistência que se tem nesta prática cultural permeada de gestos, vibrações corporais, vivências histórias e memórias populares. Nas quais pulsam, e emerge toda a presença feminina, sejam participação e organização dos cordões ou escrevendo a respeito deles.

Neste sentido, o presente trabalho objetiva analisar as ações desenvolvidas por mulheres nos cordões de bois e pássaros juninos em Abaetetuba, assim como, perceber as classes sociais envolvidas nestas práticas culturais, visando verificar qual a participação das classes menos favorecidas, visto que seus enredos abordam as vivências cotidiano da população amazonida.

Da mesma forma, entender como os cordões juninos iniciaram, fortaleceram-se e encontram-se nos dias atuais em Abaetetuba, visando verificar a importância desta prática cultural e quais são os indícios da ancestralidade indígena e negra nos cordões e pássaros juninos nesta localidade.

É importante mencionar que o interesse em pesquisar este tema surgiu justamente a partir do momento em que observei que havia falta de investimento por parte da prefeitura do município e por outras instâncias do poder público em auxiliar os cordões de bois e pássaros juninos, tanto na compra de materiais para feitura de alegorias e indumentárias, quanto para custeio com alimentação e transporte para os artesãos que se dispõem a esse árduo trabalho, além da ausência de estrutura espacial possível para que estes cordões pudessem se apresentar. Estas inquietações

lançaram-me a ir em busca dos trabalhos, principalmente os produzidos pelos escritores do município de Abaetetuba, que se ocuparam da história dos cordões de bois e pássaros juninos, para entender melhor e ter um olhar mais amplo a respeito da cultura da região.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada em duas etapas. Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico e estudo de obra que pudessem auxiliar passos da pesquisa e as análises feitas neste trabalho, entre os quais se destacam: PANTOJA (2018), LUREIRO (2000), LAGO (2014), SILVA (2012), GOMES (2010), CHARONE (2009), SIMONIAN (2005), MAUÉS (2009), MANESCHY (2001). Além de autores que tratam de questões relacionadas a história oral, memória e, dentre os quais se desta: THOMPSON (1992), PORTELLI (1997), BOSI (1994).

Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo, tendo como base a história oral, mediante entrevistas e conversas informais e história de vida de homens e mulheres envolvidos nos Cordões de Bois e Pássaros Juninos em Abaetetuba. Além da utilização de fontes escritas, bibliográfica e imagéticas, para a partir de tais fontes analisar as ações desenvolvidas por mulheres nos cordões de bois e pássaros juninos em Abaetetuba/Pará. Assim como, buscar perceber as demais classes sociais envolvidas nestas práticas culturais, visando verificar qual a participação dos populares, visto que seus enredos trabalham o caboclo amazônico e o seu cotidiano.

Para análise a respeito dos cordões de bois e pássaros do município de Abaetetuba utilizei a obra “Do Banzo as Maresias Folguedos Juninos” (2005), da escritora abaetetubense Maria de Nazaré Carvalho Lobato<sup>1</sup>, mulher negra, que através de suas obras construídas com a memória local, nos permiti conhecer a respeito da história cultural do referido município, pois se ocupa dos diversos festejos e folguedos, que ali se encontram desde o século de XX, cujas as páginas meu olhar se direcionou para os sujeitos que apresentam-se e envolvem-se nos cordões. No início de sua obra, “Do Banzo as Maresias Folgado Junino” Maria de Nazaré Carvalho Lobato, nos permite refletir a respeito da grandeza que os cordões juninos alcançam no imaginário amazônico possibilitando aos jovens e crianças do município o conhecimento, entendimento e valorização, no que concerne à cultura local:

Brincadeiras e outras atrações que fazem com que a alma vibre e se projete em variadas direções, de sonhos e fantasias, aqueles que instruem divertindo e divertem instituindo

---

<sup>1</sup>- **Maria de Nazaré**, Escritora de 12 livros a respeito da memória da cultura abaetetubense, com medalha de grau acadêmica” Dalcídio Jurandir, recebida no ano de 2000, membro da academia paraense literária interiorana (APLI) cadeira 25 tendo como patrono Naide Anjos de Tanjerino escritora e jornalista paraense.

os nossos jovens e crianças, a prenderem a resguardar seus costumes, valorizando as suas raízes culturais (CARVALHO, 2005, p16).

No mesmo sentido, as obras de João de Paz Loureiro<sup>2</sup>, escritor, pesquisador e poeta, filho de Abaetetuba, auxiliou nessa análise, visto que nas obras reunidas de João de Jesus Paes Loureiro (2000) dialoga-se com os vínculos criados entre as gerações e que possibilitam a fortalecimento da cultura, memória, história, cultura e tradição do povo abaetetubense, sobretudo para as minorias invisibilizadas ou silenciadas. Pois, conforme ressalta Gomes, “Loureiro talvez inspirado nos trabalhos da artesã Nina Abreu, em um dos seus livros reescreve as vivências em uma poética musicada como uma espécie de opera cabocla e acaba revelando experiências teatrais mais lúdicas advindas da espontaneidade do teatro popular” (GOMES, 2007, p.38).

O conceito de teatro popular referenciado por Paes Loureiro (2000) traz referência ao teatro regional do folclore paraense, evidenciando elementos culturais do caboclo amazônico que se relacionam com a natureza dos signos amazônicos presentes em seu cotidiano. Para Loureiro:” O imaginário coexiste à vida cotidiana ou assumindo delírios criativos, nos quais a presença de uma visível surrealidade constitui fatores determinantes no que se concerne à sua artisticidade do imaginário” (LOUREIRO,2000, p.290).

Os cordões Juninos abaetetubenses apresentam os elementos culturais dos signos Amazônicos que Paes Loureiro tanto menciona em suas obras, pois na criação dos enredos do teatro popular abaetetubense apresenta uma herança cultural familiar passada através da oralidade e da vivência popular de artistas culturais. Este escritor, além de amigo de infância de Nina Abreu, uma conhecida artesã, tecedora de sonhos, através de brinquedos de miriti, também cresceu na cidade de Abaetetuba, e também buscou nessa terra suas inspirações para escrever sobre o imaginário amazônico.

Neste sentido, Paes Loureiro contribuiu muito para compreensão mais adequada a respeito do imaginário amazônico, principalmente deste teatro popular, que são os Cordões Juninos. Pois, conhecer liga-se diretamente à valorização das manifestações culturais, que ao longo do processo de suas criações, apresentam o cotidiano da cultura popular, que vem se transformando o percurso da historiografia atual. Conforme, afirma Marc Bloch:

Por trás dos grandes vestígios da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles

---

<sup>2</sup> **João de Paes Loureiro**, Poeta, prosador e ensaísta, professor de Estética e Arte doutorou-se em Sociologia da Cultura na Sorbonne, em Paris, com a tese Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Sua obra poética tem sua universalidade construída a partir de signos do mundo amazônico; cultura, história e imaginário. Propiciando uma cosmovisão e particular leitura do mundo contemporâneo.

que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas no máximo um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54).

Sob essa égide, este trabalho tem suas análises estruturadas com bases teóricas da escola dos Annales<sup>3</sup> e a nova história cultural<sup>4</sup>, por possibilitarem ampliação das fontes históricas, não visando apenas às fontes escritas, como ocorria no positivismo, e sim se ampliando para fontes orais, iconográficas, imagéticas, possibilitando assim, um novo olhar a respeito dos sujeitos que estão nos Cordões de Bois e Pássaros Juninos e suas representações.

Partindo de tais análises, este estudo busca entender algumas questões que cercam a prática cultural de Cordões de Bois e Pássaros Juninos no município de Abaetetuba, dentre as quais se incluem ações desenvolvidas por mulheres e as classes sociais envolvidas nestas práticas culturais. Uma vez que, estes cordões surgem no estado do Pará entre o final do século XIX e início do XX, quando Belém começa a passar por mudanças a partir da exploração da borracha intitulada Belle Époque que aumenta rapidamente o fluxo do capital na região, modificando, assim, os hábitos belenenses para acompanhar as referências europeias que começam a interferir no cotidiano amazônico. Com as modificações no âmbito social e cultural de Belém, a população que não se encaixava nesse novo modo de vida foi deslocada do centro da cidade para as margens da capital consideradas periferias (PANTOJA, 2018).

Segundo Maués, “em Belém, os cordões de Pássaros Juninos receberam influência dos grandes espetáculos, operas, operetas, burletas e revistas encenadas no teatro da paz, no período faustoso da borracha” (MAUÉS, 2009). Assim, a partir de tais modificações, os populares, segregados desses tipos de diversão, procurou criar suas próprias formas de entretenimento e assim, nasceram os cordões de pássaros juninos e outras manifestações culturais. Neste sentido, conforme se pode observar, a população empobrecida buscou suas próprias maneiras de inserção no meio social, apresentando as suas vivências e o que é próprio de sua cultura através das grandes operas que ocorriam nos teatros de Belém (PANTOJA, 2018)

Em decorrência disso, a obra de Maria de Nazaré Carvalho Lobato ressalta com riqueza de detalhes o número expressivo de Cordões de Bois e Pássaros Juninos existentes na região de

---

<sup>3</sup>- **Escola dos Annales**, Movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX, apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Uma História bem mais vasta do que a que era praticada até então, ampliando o debate historiográfico para aspectos possíveis da vida humana ligada à análise das estruturas.

<sup>4</sup>- **Nova História Cultural**, uma linha de pesquisa voltada para estudar interdisciplinaridade, entre artes, filosofia e literatura ampliando o olhar para as representações dos sujeitos das classes populares, relatando e investigando os conflitos presentes nas classes sociais, para alcançar uma história ampla e plural.

Abaetetuba no século XX. No entanto, já durante o século XXI tem-se uma luta para manter viva essa tradição. Principalmente, pela ausência de investimento governamental, que relega a segundo plano os investimentos com a cultura popular. Sem denotar importância a permanência de uma tradição histórica a prefeitura do município de Abaetetuba deixou de contribuir financeiramente para que o patrimônio cultural fosse mantido, indispondo toda e qualquer incentivo financeiro, conseqüentemente, inviabilizando a organização estrutural desses grupos culturais, deixando-os impossibilitados de se apresentar no mês de julho, uma vez que as maiorias dos seus participantes provem de camadas populares e sem recursos que possam suprir tais demandas, visto que já há uma luta diária para garantir a sobrevivência da sua família.

Por outro lado, mesmo diante das dificuldades, os papéis desenvolvidos pelas mulheres nos Cordões Juninos em Abaetetuba, são de fundamental importância. Uma vez que, a figura feminina se faz presente desde o início dessa prática cultural, que vem resistindo atualmente para manter viva essa tradição, que se passa de uma geração para outra, de mães para filhas. Observa-se que a atuação das mulheres se estendem desde a produção das músicas, organização, construção dos figurinos, registros através da memória e dos escritos, entre outros.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O Primeiro capítulo, ***Historia Cultural dos Cordões de Bois e Pássaros Juninos em Abaetetuba***, trata de apresentar uma breve análise sobre o Pássaro Junino e Boi Bumbá a partir da bibliografia presente a respeito dos folguedos, para que se compreenda como esses folguedos se estruturam na região paraense, e em seguida apresento os folguedos na região abaetetubenses tendo bases bibliográficas regionais e a oralidade local, que são meu suporte para estruturar este capítulo.

O segundo capítulo, ***Protagonismo Feminino na Atuação e Desenvolvimento dos Cordões de Bois e Pássaros Juninos***, trata de apresentar os papéis desenvolvidos por mulheres nos folguedos juninos, este capítulo busca possibilitar a historiografia a ampliação do olhar para vivências regionais femininas, tendo como objetivo trazer as vivências herdadas de mães para filhas através de conhecimentos passados pela oralidade para a criação e manutenção dos folguedos juninos na região, se busca neste capítulo apresentar o trabalho feminino em diferentes atuações nos folguedos no município de Abaetetuba.

## **CAPITULO I**

### **HISTÓRIA CULTURAL DOS CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS EM ABAETETUBA**

#### **1.1- UMA BREVE HISTÓRIA DOS CORDÕES DE PÁSSAROS JUNINOS**

A partir das leituras das obras de (CHARONE, 2009), (MAUÉS, 2009), (MOURA, 1997), nota-se que os Cordões de Pássaros Juninos é uma manifestação cultural paraense que se estruturou como um teatro amazônico, construído pela população pobre da periferia. O surgimento dessa manifestação cultural liga-se especificamente às modificações nas relações sociais na cidade de Belém, ocorridas no período intitulado Belle Époque, com a exploração da borracha a capital se torna uma grande produtora comercial difundindo uma nova realidade no cotidiano trazida pelo capital financeiro que modifica as relações sociais e culturais de Belém (SOUSA, 2014).

Essas modificações que alteram cotidiano da cidade com as construções dos teatros para a realização de grandes espetáculos teatrais inspirados nas grandes cidades da Europa, que apenas abrangiam o grupo social com situação financeira elevada, são destacados por Beltrão em sua obra “folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados 1988”, a qual apresenta alguns pontos que se assemelham com o ocorrido em Belém no período glorioso da borracha, em seu livro mostra-se ao leitor as transformações que separam a sociedade em grupos.

Nesse sentido, há um grupo que apresenta uma situação econômica que os permite desfrutar de vantagens em relação a outros grupos sociais que não apresentam a mesma situação financeira, essa separação social garante que aqueles que contêm capital financeiro mantenham a manutenção do poder e os privilégios que a sua capacidade política e financeira condiciona. Enquanto isso, para as outras camadas, que não tem condições de interagir nesse meio, busca-se substituir a falta de recurso financeiro em seus guetos culturais, recriando novas formas de diversão e lazer (BELTRÃO, 1988).

Nota-se que, nos pontos tocados acima, tem-se a dimensão a respeito do que ocorreu em Belém no período da Belle Époque, em Belém se tem uma separação social. De um lado, ficavam

aqueles que tinham acesso aos grandes teatros construídos no período por estarem em uma classe social” avançada”, e de outro, as classes do baixo escalão, cuja cultura era menosprezada forçando-os a criar suas próprias formas de expressões culturais, dentre as quais se incluem os Cordões de Pássaros Junino, um meio de inserção nos espaços da cidade fazendo do teatro popular rimado, uma forma de resistência.

É uma forma de teatro popular, conhecido com o nome de Cordão de Pássaro e Pássaro Junino ou joanino e denominado, por muitos, de “ópera cabocla”, devido ao grande número de músicas e danças que integram a sua estrutura dramática. Expressão artística, tipicamente popular, da qual todos os seus participantes: compositores, diretores, atores, dançarinos e dramaturgos são oriundos e, em geral, moradores na periferia da cidade (CHARONE, 2009. P. 1)

Compreender as relações que cercam os cordões de pássaros juninos nos possibilita a ampliação do olhar para as vivências da população amazonida. Os grupos dos Cordões formam um círculo, e com auxílio dos músicos apresentam suas histórias, que são rimadas e musicadas. (CHARONE,2009). O teatro popular, mesmo tendo influências dos grandes teatros que surgiam em Belém no século XIX, trazem sua particularidade amazônica, apresentam em seus enredos uma ligação forte com a natureza, com as pessoas do lugar, pois a história é construída na caçada e na morte e ressurreição de um animal que geralmente é o nome do cordão: nesse caso, pode ser um pássaro, borboleta, peixe entre outros, e no decorrer do enredo o público vai conhecendo aos poucos os personagens, aqueles que estão ali para proteger ou matar o animal. E entre os personagens encontramos referências ao caboclo amazônico, indígena, negro e o europeu (MOURA,1997). E assim, o cotidiano da região se torna bastante presente no decorrer da história dos enredos. Segundo Loureiro,

Alegoria de mestiçagem ou síntese cultural, essa espécie de ópera cabocla se estrutura com elementos da cultura indígena e da cultura europeia, revelando, vez por outra, traços da cultura negra. Nele se percebe a presença essencial da contribuição indígena, um dos traços distintivos da cultura amazônica no amplo contexto da cultura brasileira (LOUREIRO, 2000, p. 311).

Loureiro, apresenta nessa fala as influências contidas no Pássaro Junino denominado por ele “Ópera cabocla”, ao referenciar os traços negros; o mesmo diz que “vez ou outra encontrava-se a presença negra nos enredos dos pássaros”, e a partir desse ponto busquei entender a profundidade e importância dessa presença negra trazida através da leitura de Moura (1997) que em seu escrito realiza uma pesquisa de campo para buscar entender os elementos que cercam o

pássaro junino; intitulado por ele como; “teatro do povo”, os elementos presentes nos Cordões de Pássaros Juninos tem ligação tanto do branco, negro e indígena.

Do branco se tem os elementos do teatro que são trazidos para região pelo aumento do capital gerado pela extração do látex, como Moura apresenta “a novela radiofônica, a burleta e o teatro de revista, misturando-se, constituem a temática do folguedo” (MOURA, p. 1997). E discordando um pouco de Loureiro o negro tem um papel importante na construção dos elementos presentes nos cordões de pássaro junino, pois o Boi Bumbá já era presente na região e o pássaro apresenta algumas características que são presentes nesse evento.

Moura destaca; “entre os cordões de bichos, de pássaro e bois-bumbás a aproximação é evidente. Neles ocorre a morte e ressurreição da entidade principal (aves, outros bichos e animais lendários, em se tratando dos cordões, o boi, no bumbá” (MOURA,1997, p.66). Verifica-se que os elementos presentes nos bumbás uma manifestação mais antiga na região, forma algumas características presentes no pássaro junino. Moura traz em sua obra uma análise de Vicente Salles a respeito do pássaro junino: “para ele é necessário situar o pássaro junino em uma dimensão histórica, paralelamente ao brinquedo boi bumbá desenvolveu-se em Belém um gênero de teatro popular quase anônimo e para folclórico” (MOURA,1997, p.41).

Também encontramos os elementos indígenas que se entrelaçam com elementos negros, Moura apresenta que os cordões de pássaros é a resistência do indígena, e que para ele é a parte considerável da cultura amazônica, se apoiando nos destroços da civilização aruaque<sup>5</sup>, e outras vertentes indígenas, a tradição aruaque se encontra basicamente em alguns elementos fundamentais; nas coreografias imitativas de animais em suas danças e no legado do maracá<sup>6</sup>, instrumento musical. Esses elementos formam o folguedo popular do Pássaro Junino no Pará, que a apresenta as referências do branco, pois, é ele traz para região os grandes espetáculos teatrais, e o povo que não tinha acesso, ligam os elementos indígenas presentes na região com os elementos negros e criam esse teatro popular para seu lazer, que acaba sendo espalhando pelas regiões do interior do estado (MOURA,1997).

Em Abaetetuba os elementos presentes nos enredos do Pássaro Junino apresentam os elementos do branco, negro e indígena, Nina Abreu (queira ver figura 1) na elaboração dos seus folguedos sempre trazia em destaque elementos da cultural e indígena e negra que se

---

<sup>5</sup> **Aruaques** são indígenas de origem neolítica, eram praticantes da agricultura, da pesca e da coleta. Em função de suas práticas culturais, são muito estudados pelos arqueólogos, pois esses indígenas produzem pinturas em cerâmica de grande riqueza.

<sup>6</sup> **Maracá**, é um idiofone de agitação, constituído por uma bola, que pode ser de cartão, plástico ou cabaça, contendo sementes secas, grãos, arroz ou areia grossa.

entrelaçavam com a cultura branca. Muitos dos personagens que apresentam referência negra era interpretados por ela, pois ela fazia questão de trazer para folguedo os elementos das três culturais.

## **1.2.UMA BREVE HISTÓRIA DOS CORDÕES DE BOIS JUNINOS**

Cortejo do boi é uma manifestação tipicamente popular que faz parte do cotidiano dos estados brasileiros, a bibliografia presente a respeito do estudo do boi, entre elas; (CASCUDO, 2001), (DIAS JR, 2009), (MENESES, 1993), (MOURA, 1997), (SALLES, 1971), lançou-me à compreensão do folguedo popular como uma brincadeira lúdica que se moldada a partir de cada ambiente que a brincadeira se encontra.

As modificações que ocorrem em cada região do país, por exemplo, podem ser destacadas entre elas, a variação do nome ao cortejo do boi, entre elas por exemplo, Bumba meu boi do Maranhão, Boi Bumbá no Pará, o Boi mamão em Santa Catarina, Bois de Reis no Espírito Santo. Nota-se a diversidade de nomes presentes para essa manifestação tipicamente popular, mesmo havendo nomes distintos e datas distintas de comemoração os folguedos apresentam a ilustre presença do boi, que nos revela como cada região molda sua forma de apresentar a história que cerca a manifestação.

Menezes (1993) apresenta em sua obra a sinopse da história do boi na região norte, a história gira em torno de dos pretos, Pai Francisco e Catirina e seus compadres Cazumbá e Mãe Quimá, tudo começa quando Catirina com desejo de grávida pede para o seu marido uma peça do boi, para saciar o desejo da mulher Pai Francisco com a ajuda de seu compadre Cazumbá matam o boi.

O boi para o fazendeiro simboliza sorte e abundância, Menezes destaca; “que o boi é tratado com muito mais zelo e cuidado do que o negro escravo, qualquer demora em sua ração, na soltura do pasto, no banho, na limpeza dos carrapatos, acarretaria castigos severos para os pobres escravos e vaqueiros” (MENEZES, 1993.p 55). Nota-se que o boi tem uma grande importância para o branco fazendeiro como apresentado pelo escritor, a ponto de considerar este, muito mais importante de que seus trabalhadores e escravos, destaca-se ainda, que o enredo popular do boi bumbá que traz a história de Catirina e Pai Francisco, mostra através do seu enredo como o colonizador representado pelo branco fazendeiro, impõe ao preto um papel inferior ao considerar o boi mais importante, todavia o preto Francisco não se curva perante ao colonizador e mata o boi para cumprir o desejo da esposa.

O enredo do Boi Bumbá gira em torno desse desejo de Catirina que gera a morte do boi, e a busca do fazendeiro em descobrir o culpado e exigir que o mesmo faça o boi voltar à vida, e dessa forma pai Francisco busca ajuda com o doutor e pajé para que o boi possa voltar à vida e em meio a história de Catirina, Pai Francisco e o boi surgem outros sujeitos que enriquecem muito mais esse teatro popular; que apresenta ligações com o negro trazido pela diáspora<sup>7</sup> para o Brasil, o indígena oriundo dessa terra e o branco invasor. A brincadeira lúdica é construída por várias linguagens, como canto, dança e teatro popular que se espalham por Belém e por todas as regiões do interior do estado.

A manifestação do boi ou cordão de bois que é presente nas regiões brasileiras é considerado por alguns autores sob a dualidade e enlace do profano e religioso, a exemplo, Salles, pesquisador na região norte e nordeste apresenta em sua obra, “O Negro no Pará Sob o Regime de Escravidão (1971)”, o folguedo como uma manifestação profana e religiosa, e as questões que cercam esse ponto destacado pelo autor podem ser entendidas a partir dos elementos que estão presentes no folguedo, questões essas que podem ser compreendidas a partir da construção da nação brasileira.

Sabemos que construção da nação brasileira segundo (FERREIRA; FILHO; PINTO,2013,p.4) foi construída através de três povos, o indígena, o negro e o branco, ambos são elementos importantes para a construção dessa manifestação, destacando principalmente o povo preto como criador principal do cordões de boi, como será apresentado no decorrer da pesquisa, os elementos trazidos por cada povo para criação da manifestação podem ser entendidas a partir de como se construiu a relação entre esses povos e de que forma a relação que folguedo tem com religião que já foi citada por Salles como profana e religiosa.

Para a compreensão dos elementos profanos e religiosos encontrados e necessário trazer como as relações religiosas de sociedades distintas ocorreu no Brasil, o povo africano retirado de sua terra e trazido para o Brasil para ser escravizado, ao chegar na região se deparou com a imposição do cristianismo em suas vidas, o mesmo se reproduziu com os indígenas, todavia a tentativa do colonizador falhou, pois tanto o indígena quanto negro continuaram suas práticas como forma de resistência. (FERREIRA; FILHO; PINTO, 2013, p.4).

Bastide (1971) é um escritor desdobrou em pesquisar a respeito da nação brasileira e seus contratos entre povos, este autor será importante, especificamente através de alguns capítulos da obra: “As Religiões Africanas no Brasil” (1971) para compreender a respeito da tentativa do

---

<sup>7</sup> **Diáspora**, é a retirada de um povo de sua terra para viver em outro continente, essa retirada ocorre de maneira forçada. Como ocorreu com as etnias africanas que vieram escravizadas para o Brasil. (HALL,2003)

colonizador em dominar e predominar a maneira de fé que teria que ser seguido pelo povo preto e indígena. O autor apresenta o quanto o branco e sua construção patriarcal tentou interferir nas relações religiosas africanas e indígenas “O escravo com o índio que gostava de fazer “se rogando” para assim ganhar um presentinho, uma garrafa de tafiá, um pedaço de pano, chegando mesmo a batizar os filhos com vários padres sucessivamente só para receber presentes” (BASTIDE,1971, p.181).

A citação aborda como ocorre essa “catequização” apresentando o discurso de “salvar a almas”, o branco sem nunca ter pensado no bem estar do negro e nem do indígena, tinha como única preocupação enriquecer através da escravidão. Nota-se que a tentativa é falha, pois mesmo presenteando as etnias, as mesmas não aplicavam em seu cotidiano a fé do branco ou quando aplicavam não deixavam seus antigos ritos para atrás. Bastide (1971), destaca essa questão em sua obra, o cristianismo não substituiu os ritos e crenças, o povo preto principalmente sempre buscou lembrar através dos batuques, dança e canto as memórias do seu povo.

Os cordões de bois são o exemplo que podemos ligar os pontos apresentados a partir da leitura de Bastide, pois, a manifestação do boi ocorre no mês junino na região paraense, tem uma ligação ao cristianismo, visto que o folguedo sai as ruas no dia da festa dos santos católicos. Invariavelmente, encontramos nesse evento elementos de ritos africanos, que podem ser entendidos através da presença do boi na comemoração das festas juninas, com a sua morte e ressurreição; o boi é a ligação profana tocada por Salles (1971) e outros autores quando se referem ao animal (boi).

É importante referenciar que a manifestação contém ligações diretas com o povo preto, afinal a brincadeira é divertimento deles nas cidades do interior do estado, Moura (1997) realiza pesquisa bibliográfica para compreender como as manifestações presentes no estado do Pará é apresentada pelos pesquisadores que viajam pelo estado, encontra-se por exemplo, referencias em relação ao boi bumbá. Entre elas há um registro encontrado em 1883 de um cronista português intitulado David Corrêa Sarges de Frias, o mesmo denomina sua obra como; uma viagem ao Amazonas.

A obra de Frias é considerada pioneira como destaca Moura, visto que o autor apresenta uma iconografia de um desfile do boi que ocorria em Santarém, cidade do interior da província do Pará. Moura apresenta como Frias destaca a manifestação que ocorria em Santarém;

Ao fim da rua, por onde todos se tinham voltado, rompia direto a eles um agrupamento, que veio estendendo em procissão desalinhada, compondo-se inteiramente de mulheres, de grandes trunfas coloridas, e homens de trajes mais ou menos cosmopolitas, tudo gente de cor e na maior parte descalça (MOURA,1997, p. 57).

O dito acima reforça como o negro é papel importante para construção do folguedo na região paraense, a presença negra é significativa apresentando o quanto o negro construiu e influenciou essa arte popular que até os dias atuais se encontra em diversas regiões do Brasil. Folgado do boi tem heranças de origem negra. Salles (1971) demonstrar que o lazer do escravo em contato com a presença indígena e branca contribuíram para o fortalecimento e na construção do rico folclore amazônico.

No município de Abaetetuba tanto o Pássaro Junino e o Boi Junino fazem parte dos enredos populares no município, Maria de Nazaré (2005) reforça a presença do boi e o pássaro que são personagens presentes no teatro popular em Abaetetuba, os sujeitos que criam as histórias dos enredos trazem os conhecimentos populares repassados a partir das vivências e da oralidade, será apresentado a seguir justamente como os cordões surgem no município, e a forma em que eles se estruturam no cotidiano das famílias e posteriormente como as mulheres se tornam protagonistas na produção dos cordões.

### 1.3.A CIDADE DO IMAGINÁRIO: CORDÕES DE BOIS E PASSÁROS JUNINOS

*“Hoje o cordão vai passar saudades de quem viveu na casa grande a sambar o felizado foi eu”* (Música do samba enredo da Escola de samba amigos da sócia)

No município de Abaetetuba ou Abaeté, localizada no nordeste paraense a 150km em linha reta de Belém, capital do estado do Pará, cercado pelas águas do rio Maratauíra, há um ambiente comum da região do Baixo Tocantins, que apresenta o cotidiano amazônico. Conforme caracteriza Gomes:

Abaetetuba é uma cidade da arte a exemplo do seu mito fundador indígena, representado na narrativa da pacoca<sup>8</sup> a ubre emerge das encantaria da linguagem e toma formas estéticas variadas na semântica cultural das margens ribeirinhas, no que chamamos a cidade das águas (GOMES, 2016, p. 42).

---

<sup>8</sup> **Pacoca,** É uma ilha que se encontra à frente da cidade de Abaetetuba que habita uma cobra grande, que em todo final de tarde repousa, enrolada verticalmente em uma grande árvore (o que é um símbolo de transcendência), deixando sua longa cauda estendida na praia a pessoa que tiver coragem de cortar, de um só golpe, o rabo daquela Cobra-Grande, desencantará a ilha. “A ilha vai submergir e se desencantará e ali mesmo a nova e verdadeira cidade de Abaetetuba”, uma cidade imaginada como uma natureza ideal, um lócus amoenus que passaria a ser habitado pela atual população.

Figura 1: Mapa de Localização de Abaetetuba

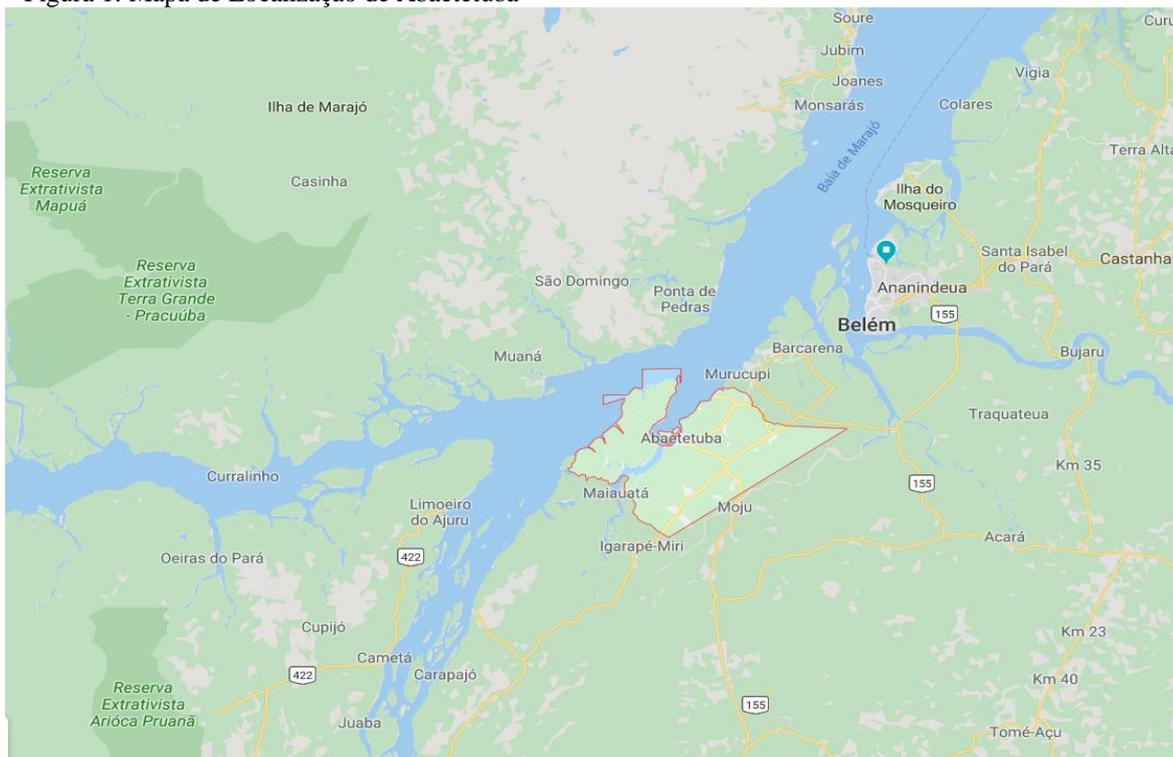


Figura 1: Fonte: Google Maps (<https://www.google.com/maps/place/Abaetetuba>).

Na cidade de Abaetetuba, cenário do imaginário que abrange uma história cultural riquíssima que foi centrado este estudo, assim como serviu de ambiente de inspiração para muitos que estudam a história cultural amazônica, na qual se destacam os Cordões de Bois e Pássaros, mostrando a forte ligação dessa cidade com a cultura e a arte de modo geral.

Contudo, para se descortinar esse celeiro cultural imbricado de muito imaginário, do qual fala Paz Loureiro, é necessário entendê-lo. Para conhecer um pouco da história dos cordões em Abaetetuba se utilizou o livro “Do Banzo as Maresias Folguedos Juninos” (2005), de Maria de Nazaré Carvalho Lobato (Queira ver figura 3), e a monografia de Mirian do Socorro Abreu da Silva (1993), as mesmas escreveram a partir da oralidade local, mediante conversas informais, que obtiveram com moradores do município de Abaetetuba. Sem dúvidas, essas obras foram de suma importância para a composição deste estudo, pois possibilitou conhecer a história dos cordões da região.

Figura 2: Nina Abreu



Fonte: Cuíra Produção Cultural, disponível em: <https://www.facebook.com/cuiraproducaocultural/posts/1946551015583149/>

Figura 2: Maria de Nazaré Carvalho Lobato



Fonte: Blog do Ademir Rocha, disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/2013/03/maria-de-nazare-carvalho-lobato-poetas.html>, acesso;10/12/2019.

Assim, apresenta-se as diferenças que podem ocorrer nesta prática cultural de uma região para outra, e principalmente de Belém, capital do estado, e para a cidade de Abaetetuba, lócus do presente trabalho. Diferente de Belém, como já foi apresentada anteriormente, em que a cidade apresenta novos hábitos com as explorações da borracha, trazendo para capital uma nova condição econômica que transforma as relações sócias entre seus habitantes separando-os socialmente.

A partir de diálogos com homens e mulheres que fizeram parte dessa arte popular do município compreendesse que em Abaetetuba, os primeiros indícios de Cordões de Bois e Pássaros Juninos é no século XX, devido ser uma cidade pequena do interior do estado, não apresenta diferenças sociais a ponto de gerar uma espécie de abismo entre a população nesse período, pois o poder aquisitivo, que Belém viu nascer não fazia parte do cotidiano desta pequena cidade. Como afirma uns dos entrevistados;

“Os meus colegas daqui da rua nessa época de São João a gente com 16 anos, não bebia e nem fumava, não ia em festa só ia conferir quantas festas que tinha no mês, todo sábado a gente conferia as festas de São João.” (Raimundo Eurogildo dos Passos Lima, 69 anos, entrevistado 28/10/2019).

Através da fala do sujeito nota-se que as festas de juninas que aconteciam em Abaetetuba eram acontecimento aguardado por todos. E a partir da oralidade local dos sujeitos que frequentavam os folguedos juninos busquei entender se haviam diferenças sócias entre as pessoas que frequentavam os cordões juninos. Segundo Raimundo Eurogildo:

“Não tinha uma diferença social grande entre a população, pois a população era humilde e realizavam uma festa popular” (Fala de Raimundo Eurogildo dos Passos Lima, 69 anos, entrevistado 28/10/2019).

Raimundo Eurogildo em sua fala apresenta como era o ambiente da cidade de Abaetetuba naquele período do século XX, em que as festas juninas eram feitas nas ruas da cidade e nas casas dos moradores, geralmente essas casas continham grandes quintas onde se realizavam as festas juninas, os locais eram enfeitados com bandeirinhas e correntes de papel confeccionados pelos moradores. Logo quando Eurogildo menciona que a população realizava uma festa popular, o mesmo se refere exatamente a forma em que essas festas eram feitas; em residências com grandes quintas enfeitados com simples decorações feitas por populares.

Silva (1993) destaca que os cordões surgiram<sup>9</sup> em Abaetetuba organizados por um grupo de cearenses que vieram residir no município, e que juntos com a população de Abaetetuba fizeram os primeiros cordões intitulados: Boi Canário, posteriormente Pingo de Ouro e Touro Russo (SILVA, 1993, p29). São eles que trazem o teatro popular para este lugar, cujas encenações e danças, encantam e contagiam outras famílias que vão criando os seus cordões, que se apresentavam nas ruas com danças e cantos simples, criados e rimados pelo povo.

Os nomes dos cordões geralmente variam de região para região, pois, a nomenclatura dos grupos são escolhidos a partir de animais que estão presentes no cotidiano das pessoas que frequentam aqueles espaços. Por exemplo, nos cordões de pássaros juninos em Belém, os nomes dos grupos fazem referências a pássaros amazônicos. Em Abaetetuba os Cordões de Bois e Pássaros Juninos fazem referências aos pássaros e a outros animais, como o Cordão Camarão, Cordão Boi, Cordão borboleta, Cordão rios, como: o Cordão do Inambé.

Os enredos dos cordões em Abaetetuba trazem histórias e personagens do imaginário do caboclo amazônico, são histórias repletas de rimas, músicas e danças, que encantam o público com esta arte criada pelo povo, permeadas de histórias, vivências e encantarias da região. No século XX, era comum as famílias organizarem as festas juninas, e como atração, era tradição convidar os cordões de bois e pássaros juninos para se apresentarem para o público, e assim as festas se espalhavam pela cidade encantando olhares.

Um exemplo a ser citado aqui, é de residência da família Abreu, que realizavam grandes festas na cidade; a casa é intitulada como, “casa grande”, a família Abreu é um exemplo de como as famílias abaetetubenses no mês junino organizavam grandes festas. Raimundo Lopes Abreu e Joana Lopes Abreu sediam sua residência para receber um grande número de pessoas. Maria Esperança filha do casal apresenta alguns elementos que a festa continha:

Olha, começou com a mamãe e o papai eles faziam aquelas festas na casa grande aqui, era 12 compartimentos, eles forravam tudo por dentro com palha<sup>10</sup> e por fora, e faziam a festa do São João, ficava lindo tudo enfeitado com bandeirinha com aquelas correntes tudo (Fala de Maria Esperança, 81 anos, entrevistada realizada no dia 01/07/2019).

A iconografia abaixo apresenta a casa da família Abreu, e como referência Maria Esperança. É nessa humilde residência que era enfeitada com bandeirinhas e forrada com palha recebia o povo para realizar grandes festas na cidade de no período junino.

---

<sup>9</sup> A autora apresenta a data que surgem os primeiros cordões, segundo ela é por volta de 1915 que o grupo de cearenses se mudam para o município e produzem com os Abaetetubenses os primeiros enredos.

<sup>10</sup> Palha- É um produto vegetal que após desidratada é utilizada para confecção artesanal ou para fins diversos

Figura 4: Casa Grande



Fonte: acervo da família Abreu, disponibilizado por Miriam Abreu

Silva (1993) destaca que:

Mestre Abreu e sua esposa foram responsáveis por grandes bailes organizados em sua residência conhecida como casa grande, pagavam o jazz, e ofereciam comidas e bebidas para todos os convidados. Para essa festa vinham famílias até da zona rural e das ilhas de Abaetetuba sendo hospedados na casa grande. Esses bailes ocorriam principalmente na época da quadra junina (SILVA,1993, p.37).

É nesse cenário familiar que os cordões surgem em Abaetetuba que apresentam aspectos de uma cidade pequena do interior do estado rica de grande folclore com diversos cordões no século XX, esse número significativo de cordões chegou a ponto de gerar competições entre cordões, como destaca Silva (1993). Entre essas competições presentes no município, encontramos a rivalidade entre o boi pai do campo e o cordão do boi estrela Dalva, Lobato destaca: “Quando se encontravam saíam as provocações por meios de cantos de desafios, e por vezes, até brigas feias, nas quais sempre as vítimas eram os bois, pois quase sempre saíam quebrados” (LOBATO, 2005, p.44).

Na obra de Lobato encontramos os cantos de desafios do boi estrela Dalva:

“Correr não corro  
Vou pegar no pé do bode  
Quebre pau rebente ferro  
Contrario comigo não pode”  
Em resposta do boi pai no campo:

“Vem, cá não corre  
Eu quero te pegar,  
Eu quero te dar um amasso,  
Chorão  
Pra te não me abusar.”

Os conflitos entre os dois cordões de bois era bem conhecido entre os abaetetubenses, mas o pai do campo era o mais famoso, uma vez que, todos os anos na época de festas juninas saíam as ruas e casas escolhidas pelo proprietário do cordão que por meio de cartas de apresentação apontava a casa escolhida naquela noite, a escolha era realizada cuidadosamente pelo proprietário do boi (Lobato,2007). As festas aconteciam em todo o mês junino encantando a população com a presenças ilustres dos Bois Juninos e os Pássaros Juninos organizados por diversas famílias da cidade.

Através de algumas entrevistas com os participantes dos cordões juninos; pode compreender como ocorriam o final do período junino, que geralmente se construía os currais quando se ocorria a morte do boi ou do pássaro, que era denominado de matança<sup>11</sup> ou fugida<sup>12</sup>

Quando era no final da matança dos animais, é, por exemplo, era sempre nesse mês de julho, era dia 20 de julho na casa de seu sicrano, agora era na frente da casa e eles faziam aquela cerca na frente, o curral e a gente ia participar lá dentro, (Antônia do Espírito Santo Cavalcante, 82 anos, entrevistada no dia 24/07/2019) ‘

E através das afirmações, a autora Pantoja (2018) reafirmam os pontos tocados acima, “por onde havia algum cortejo para o Boi indicavam também os espaços reconhecidos como currais sendo genuinamente territórios de gente simples, de gente do povo, de herdeiros das velhas africanidades” (PANTOJA, 2018, p174). As festas populares com a construção dos currais herdeiras da africanidade apontadas por Pantoja se espalhavam pelas ruas de Abaetetuba; e reafirmam que cordões de bois e pássaros juninos é uma arte popular realizada pela população humilde que organizava e apreciava as apresentações dos grupos de Cordões Juninos no período das festas juninas. Os grupos percorriam as casas e realizavam suas apresentações em via pública ou dentro das casas, as festas se tornaram tradições na cidade que se desenvolveram por muitos anos.

---

<sup>11</sup> Fugida é quando o pássaro foge para voltar a no ano seguinte, nas festas da fugida também se tinha os padrinhos escolhidos pelos brincantes, os padrinhos escolhidos presenteavam seus afilhados e no final se tinha uma grande da festa de enceramento (SILVA,1993).

<sup>12</sup> Já no boi bumbá esse enceramento é denominado como matança, o boi é morto e em seguida se tinha uma festa em homenagem aos padrinhos, como vinho que simbolizava o sangue do boi derramado, acompanhado por comida e outras bebidas e muita música (BRAGA,2002).

Os cordões se tornam tradição para as famílias abaetetubenses que através da arte popular apresentam um pouco do seu cotidiano, o número de cordões no município é grande. Miriam do Socorro Abreu da Silva (1993) apresenta em seu trabalho de conclusão de curso os nomes dos cordões que encantavam as casas e quintais de Abaetetuba; cordão da borboleta, cordão do camarão, cordão do boi flor do norte, cordão de boi pai do campo, cordão de boi estrela Dalva e cordão do periquito.

É nesse cenário de mês de festas juninas que se eram feitas as fogueiras na véspera do dia do santo, em que as casas da cidade eram enfeitadas com bandeirinhas, pau de sebo, banho de cheiro e diversas outras brincadeiras (LOBATO,2005) e nesses arraiais encontramos diversos elementos populares.

## **CAPITULO II**

### **PROTAGONISMO FEMININO NA ATUAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS CORDÕES DE BOIS E PÁSSAROS JUNINOS**

#### **2.1.MULHERES ATUANTES NA HISTORIOGRAFIA**

Como foi apresentado no capítulo anterior a Abaetetuba tem um rico folclore com a presença de diversos cordões no século XX, principalmente desenvolvidos por famílias que residem no município, mas este capítulo tem como foco os papéis desenvolvidos por mulheres na produção e na criação dos Cordões de Boi e Pássaros Juninos. Trazer os seus papéis e trabalhos femininos possibilitará a ampliação dos olhares para as produções femininas que por um longo período foi apagado e silenciado no decorrer do processo histórico.

Uma autora que disserta sobre o silenciamento feminino no meio acadêmico; é Michelle Perrot, que em sua obra intitulada: “As mulheres ou os silêncios da história” (2005), proporciona um debate a respeito do silenciamento da história feminina, a mesma destaca:

A irrupção de uma presença e fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos. Ou pouco familiares é uma inovação do século 19. Que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, o que se refere ao passado um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que por muito tempo, · "esqueceu" as mulheres, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, Elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (PERROT,2005, p.9).

Verifica-se, que Perrot apresenta as problemáticas na historiografia global, a respeito do cotidiano feminino que antes do século XIX não as consideravam sujeita atuante para historiografia. Os pontos trazidos aqui a partir da obra de Perrot fortalecem este estudo, uma vez que o mesmo tenta destacar as atuações femininas nos cordões juninos em Abaetetuba, que possibilitará conhecer o cotidiano de mulheres que residem no interior do estado.

Estas mulheres criam e organizam uma arte popular que as possibilita tornarem protagonistas e atuantes na sociedade, parafraseando Perrot, elas saem do privado de suas residências e vão para público, para atuar, organizar e gerenciar lindos enredos populares. Trazer a atuação de mulheres amazonidas gera para historiografia uma ampliação dos olhares a respeito

das vivências de diversas realidades presentes no Brasil, Margaret Rago (1995), pesquisadora brasileira que produz um trabalho a respeito das transformações na historiografia brasileira quando o assunto é o público feminino, possibilita a nós entender que as produções que se intensificam no Brasil a respeito do cotidiano da vida social de mulheres trazem diversos pontos que antes não era cogitado pelos pesquisadores.

Pois, os mesmos apenas abrangiam seus olhares para as vivências masculinas, como diz Perrot, “o “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino” (PERROT,1988, p.185), todavia, com a ampliação do debate no campo historiográfico possibilitou olhares diferentes temas que cercam o cotidiano feminino. Trazer as vivências amazonidas enriquecerá essa ampliação dos olhares para historiografia, de certo que já temos diversas outras pesquisas que trazem as vivências amazonidas de mulheres, Celeste de Moraes Pinto (2004), (2010) é um exemplo a ser referenciado, pois a mesma tem uma rica bibliografia a respeito da atuação feminina nos povoados amazonidos, suas obras são repletas do protagonismo feminino na Amazônia Tocantina, seus trabalhos são grandes referências para todos aqueles que buscam pesquisar as atuações femininas com bases a partir da oralidade popular.

## 2.2. O MATRIARCADO CULTURAL

O objetivo exposto nas linhas anteriores buscou fortalecer a importância da presença feminina nos cordões juninos para historiografia; por conseguinte apresentarei um pouco sobre os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres em Abaetetuba. Os cordões no município já ocorriam com frequência, mas a partir da década de 40 Joana Abreu tem seu primeiro incentivo para criar seus cordões, que surge a partir de uma brincadeira de seus filhos, segundo Silva (1993),

Pegavam as embalagens de lâmpadas incandescentes, amarravam dois fios em duas extremidades opostas e utilizavam nas como adereços na cabeça. Com esses adereços na cabeça, roupas confeccionadas com folhas de bananeira e carretéis de linha utilizados como saltos de sapato, saíam pelos quintais e ruas de Abaetetuba batendo latas e garrafas, dançando e cantando uma música de um único verso, que era seguinte: Lâmpida queimada não tem chamada; Lâmpida queimada não tem chamada. (SILVA,1992, p.40).

Incentivados pelos cordões já existentes no município essas crianças com uma simples brincadeira incentivam sua mãe a produzir seus primeiros cordões; o cordão da lâmpida queimada e o cordão do boi mimoso, esses primeiros trabalhos contam com ajuda de outras mulheres, Raimunda dos Passos Lima e Irmã de Banbute Sena. Elas confeccionavam as roupas

e adereços que eram ornamentados com papel laminado, o boi mimoso foi ornamentado com papel machê em uma forma feita de barro, o boi era pequeno, afinal era pregado encima de uma tábua para ser levado na cabeça de algum brincante (SILVA,1993).

O cordão da lâmpida queimada e o boi mimoso<sup>13</sup> foi ponta pé para Joana Lopes Abreu realizar outros cordões, entre eles; o cordão do beija flor e cordão do pavão, sendo este cordão o ultimo organizado por ela<sup>14</sup>, mas seu trabalho sempre com ajuda de outras mulheres, como destaca sua neta:

A vovó organizava esses cordões a maioria das pessoas que participavam geralmente eram mulheres, tinha a participação dos homens, mas a maioria das pessoas que sempre participou foram mulheres né, até por que naquela época a questão do homem representar era mais forte né, do homem não gostar de representar (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

Nesse processo de organização nos cordões juninos por Joana Abreu plantou a semente da cultura popular no coração dos filhos, os mesmos sempre participavam fazendo atuação de personagens, Maria Esperança uma de suas filhas destaca “no tempo da mamãe eu sai de florista, no outro, no cordão do beija flor, eu sair de feiticeira. Ela botava a gente tudo pra fazer esses papel” (Fala de Maria Esperança, 81 anos, entrevista realizada no dia 01/07/2019).

O incentivo de Joana para que os filhos atuassem gerou frutos de mãe para filhos, e conhecimentos culturas passados de geração para geração. Esses conhecimentos culturais foram passados principalmente de mãe para filha, a pesquisadora Silva apresenta que depois que Joana parou de produzir seus enredos de cordões, sua filha Nina Abreu continua o trabalho de sua mãe.

Os saberes dos folguedos juninos passados pela oralidade na família Abreu são heranças culturais que marcam a cidade de Abaetetuba com grande número de Cordões de Bois e Passáros

Juninos que estaram presentes por longo período na cidade. O trabalho na produção dos enredos dos cordões possibilitou tanto para Joana quanto para Nina uma emancipação e protagonismo em suas vidas, essa emancipação gerou incomodo para seus respectivos maridos.

Segundo Rita Abreu:

E essa questão dos cordões justamente por que ela se empoderava, ela fazia isso, e isso foi um dos motivos que causou a separação dela e do meu pai, por que meu pai não concordava com isso; por que ela acabava se destacado mais do que ele, e isso mexia muito com a cabeça dele, e acabou resultando na separação. A minha vó fazia e meu avô separou dela também. (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019)

---

<sup>13</sup> O cordão da lâmpida queimada e boi mimoso aconteceram por volta de 1945

<sup>14</sup> O ultimo cordão organizado por Joana Abreu, intitulado como cordão do pavão correu no ano de 1949.

A saída dessas mulheres do ambiente familiar para uma cena de destaque naquele período em Abaetetuba, nós mostram a força do patriarcalismo, que apresenta a mulher com a única função de ser mãe e dona de casa. Perrot com sua rica biografia apresenta para academia as relações construídas a respeito do homem e da mulher, o masculino impondo o silêncio às mulheres, essa tentativa silencia-las se baseava pela construção social da sociedade em que o homem contém as relações de poder (PERROT,1988), trazendo essas questões de poder, podemos compreender o por que o destaque e o protagonismo de Joana e Nina gera o incomodo a seus maridos. A estrutura em que a sociedade atual se baseia, coloca o homem à frente da família e a mulher como um objeto que deve estar no seio privado do lar.

A saída de Joana e Nina quebra a regra imposta que constrói por anos que o lugar de mulher não é os lugares públicos, sendo ouvida e aplaudida, os cordões possibilitaram esse reconhecimento fora do ambiente do lar. Contudo, esse novo cenário não é a aceito por aqueles que cresceram com a estrutura patriarcal, na qual o papel da mulher se concentra no ceio familiar, por isso ambas sofrem retaliações.

Silva (1993) traz que o trabalho de Nina Abreu se iniciou por volta de 1958, seu primeiro cordão foi intitulado como Cordão da Patativa, o enredo todo foi escrito por ela, para auxiliar na hora da apresentação das músicas de cada personagem dona Nina contava com auxílio dos músicos que acompanhavam o cordão, como os seguintes instrumentos; saxofone, violão, clarinete e banjo. Nina cuidava de cada elemento presente no enredo, segundo Silva (1992), “Nina Abreu dirigia os ensaios, criava os modelos das indumentárias e alegorias de mão, também confeccionava as roupas e produzia o cenário, isso tudo com ajuda dos brincantes e seus pais” (SILVA,1993,p.54).

Notamos aqui diferentes facetas de Nina Abreu, produtora de enredo, diretora, criadora das roupas e suas confecções, essa mulher com simples ferramentas criava sonhos de brincar condões juninos em Abaetetuba. Seus cordões traziam algumas características diferentes do que se era encontrado anteriormente, Rita Abreu conta,

“Pelo o que eu escutava minha mãe dizer, ela começou fazer lá na nossa casa, nós morávamos lá na Santos Dummont, os cordões aconteciam lá, ela fazia um palco do lado da nossa casa e aconteciam lá” (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

Na fala de Rita Abreu nota-se que Nina fazia um palco para apresentação dos cordões, e esse palco muda o modo de apresentações que ocorriam no município anteriormente, antes era comum os cordões saírem nas ruas. Segundo Silva,

Comandados por dona Joana Abreu, que assumiu responsabilidade pelas crianças, saíam pelas ruas à noite para se dirigirem às casas que requisitavam suas apresentações. Para vencerem a escuridão, usavam velas e lamparinas para iluminar o caminho, já com suas vestimentas iam cantando e sendo acompanhados pelos músicos contratados, até o local da apresentação (SILVA,1993, p.41).

Entendesse que a cultura se transforma com o passar do tempo, Laraia (2001) é um antropólogo que escreve brilhantemente sobre cultura e apresenta como a cultura é dinâmica e modificada. Em Abaetetuba se tem um modificação pequena, pois, Nina trás o palco para que ocorra a o folguedo, mas mesmo com essa modificação não deixou de fazer apresentações em residências quando o seu cordão era convidado, geralmente os convites vinhas das ilhas da cidade (SILVA,1993).

Essa modificação de acrescentar o palco nas apresentações dos cordões podem ser entendias a partir de Moura (1997), observa-se as definições de cada um, apresentando que são duas variantes que são denominadas como: cordão de meia lua e o pássaro de melodrama e fantasia. Segundo Moura:

A primeiro e mais tradicional encontrada em vários municípios do Pará, sobretudo no meio rural. Sua característica básica é a caminhada pela rua, quando os brincantes e a banda musical entoam o canto ou marcha de rua, visitando os terreiros para se apresentações. A denominação meia lua refere-se à disposição dos brincantes em semicírculo, durante a encenação do tema. No cordão de pássaro melodrama fantasia, além do tema central e tradicional, introduz-se outro tema, que pode ter como base a questão da propriedade, da vingança. Algumas vezes há uma recorrência a contos europeus e regionais e a lendas amazônicas. Essa vertente sempre envolve um número grande de personagens da nobreza e aristocracia (príncipes, princesas, marqueses, fidalgos, fazendeiros e outros); os figurinos são luxuosos e sofisticados e suas apresentações restringem-se a teatros, circos, cinemas, enfim a espaços que permitem encenações mais teatralizadas (MOURA,1997, p.49).

É evidente que através da citação encontramos elementos presentes nos folguedos populares em Abaetetuba, como já foram mencionados nos parágrafos anteriores, dessa forma podemos dizer que a definição que mais se encaixa na realidade dos folguedos abaetetubenses, é o cordão de meia a lua, no entanto mesmo Nina Abreu trazendo uma nova forma de apresentar o folguedo, que seriam no caso com o palco, é necessário destacar que a criação do palco não muda a forma dos cordões, pois ainda se conservam as apresentações nas casas. Nesse período encontrava-se no município duas formas de se apresentar os cordões: o tradicional que saía de casa em casa; e o de palco que trazia o novo elemento para o cordão.

Contudo, entende-se que realidade da cidade não se encaixaria nas características do cordão do pássaro melodrama e fantasia, pois, mesmo com a construção do palco a forma de apresentar continua humilde e popular como será apresentado nos parágrafos seguintes através

das fotografias da época. O segundo cordão de Nina foi; o cordão da borboleta<sup>15</sup>, não se tem etnografias dos primeiros cordões realizados por Nina, pois se perderam com o tempo, no entanto lobato em seu livro “Do banzo as maresias folgado junino” (2005), apresenta o canto de entrada do cordão da borboleta:

“Na entrada dessa casa  
Tem um pé de violeta  
Meu senhor dono da casa  
Queira aceitar a borboleta  
Este é o primeiro ano  
Que nos saíamos para brincar  
Com os caboclos<sup>16</sup> na frente  
E a borboleta a brincar.”

O seu terceiro cordão é intitulado como cordão do periquito<sup>a</sup> ideia surgiu com o objetivo de renovar um cordão organizado por Bandute Sena, no entanto Nina trouxe algumas mudanças nas músicas, que tinham sua autoria (SILVA,1992). Nina realiza na cidade em torno de 15 cordões juninos, em todos ela é responsável pelos figurinos, autoria das músicas, ensaios, essa mulher produzir um trabalho admirável no município, e por isso hoje ela tem o título de rainha do folclore.

Seus trabalhos foram, cordão da arara (1966, 1970, 1971, 1972), cordão da borboleta (1973), cordão do boi mimoso (1976), este cordão foi trazido novamente como forma de homenagear sua mãe, Joana Abreu, o mesmo foi apresentado com inovações, entre essas inovações temos, o palco e um grupo de quadrinha fazendo parte do enredo. (SILVA,1996).

Os cordões apresentados em suas perspectivas datas mostram como o trabalho de Nina não parou, criar nos enredos e inovações apresentam o quanto essa mulher é uma artista criadora de história que uma hora ou outra atuava nos próprios cordões, Silva (1992) destaca; “que no cordão do boi mimoso de 1976, Nina atua como Pai João que realizava a cura do boi<sup>17</sup>, como podemos apreciar na foto,

“Boi Mimoso chegou  
Aqui neste salão.  
Boi Mimoso chegou, com grande animação.”  
(Nina Abreu—Canto de apresentação do Boi Mimoso)

---

<sup>15</sup> O cordão ocorreu no ano de 1957, enredo, letras, melodia de algumas músicas, modelos e confecções das indumentárias e alegorias, a produção de cenário e a direção dos ensaios eram de sua autoria (SILVA,1992)

<sup>16</sup> **Caboclo**- faz referência as entidades de espíritos indígenas, que se encontram presentes nas religiões de matriz africana, Ferrenti (1994) é o autor que trabalha o caboclo e seus elementos, sua obra tem como título; “Terra de caboclo”, o mesmo apresenta a união das entidades indígenas os caboclos e negras os orixás nos terreiros.

<sup>17</sup>- A cura do boi ocorre quando Pai Francisco pede ajuda geralmente é do pajé ou pai de santo, varia de cordão para cordão para ressucitar o tão amado boi do fazendeiro (MENESES,1993)

Figura 5: Nina Abreu atuando como Pai João



Fonte: cervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

Figura 6 : Cordão do Boi Mimoso (1976)



Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

Nas imagens acima, tem-se a apresentação do cordão do boi mimoso, nessa apresentação encontramos um cenário simples em uma casa de madeira, enfeitada com as bandeirinhas juninas que sempre deu o ar da sua graça nas festas da cidade. O público presente no dia da apresentação são crianças que em bela noite decidem ir na casa de Nina Abreu assistir à apresentação do boi mimoso, não se preocupam com vestimentas, apenas observam vidrados o folguedo popular do seu município.

No próximo ano Nina traz outra inovação no cordão do papagaio, que dessa vez não é confeccionado, e sim um animal vivo, o papagaio era levado dentro de uma gaiola. (SILVA,1996). Infelizmente não foi encontrado fotografias desse folguedo. Cordão da borboleta (1978), em (1981) cordão do boi mimoso, em (1982) cordão da borboleta, os dois últimos cordões não foram realizadas na casa de dona Nina.

Figura 7: Cordão da borboleta de 1982



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu.

A primeira imagem se encontra danificada devido ao tempo, mas possibilita-nos algumas análises a respeito cordão da borboleta. Primeiro, observa-se que no cenário da foto tem-se a presença significativa das crianças que sempre atuavam nos cordões do município, do lado esquerdo da foto se encontra Nina Abreu com a personagem mãe de

santo<sup>18</sup>, a personagem mãe santo sempre esteve presente nos cordões do município, seu papel no enredo era ajudar a recuperar a borboleta que foi roubada.

Figura 8: Personagem da borboleta de 1982



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

A imagem seis apresenta a personagem que é o nome do cordão, a famosa borboleta, que no enredo é roubada, geralmente por uma fada má. A história gira em torno de recuperar a amada borboleta para sua a dona. Na foto percebe-se que o traje mesmo sendo feito de maneira simples pelas mão de Nina Abreu, mostra como arte de criar do povo é linda, mesmo com poucos recursos se tem um esforço de produzir, ensaiar e criar trajes para se ter uma bela apresentação popular. Em 1983 temos o cordão do papagaio misterioso;

---

<sup>18</sup>- **Mãe de Santo**, são pessoas espiritualmente preparadas para atuar nos terreiros nas religiões afro brasileiras, seu papel tem objetivo de cuidar de maneira materna das pessoas que frequentam os terreiros.

Figura 9: Cordão do papagaio misterioso.



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu.

Nessa foto se nota que as apresentações voltam a ser feitas na casa de Nina, no famoso cenário com palco montado em sua residência, o local como sempre está enfeitado com bandeirinhas e elementos de festa juninas, na foto encontra-se a presença do indígena que nos cordões do município tem o papel de proteção do pássaro roubado, como disse Rita Abreu em uma conversa realizada comigo, “o índio é a polícia do cordão”. Essa proteção se desenvolve pois o guardião da natureza nos enredos dos cordões. E em 1984 temos novamente o cordão da borboleta:

Figura 10: Cordão da borboleta, de 1884



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

Figura 11: Atuação de Nina no cordão da borboleta de 1984



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

Figura 12: Cordão da borboleta, de 1884



Fonte: Acervo da família Abreu, disponibilizado por Mirian Abreu

E novamente encontramos Nina atuando em seus cordões, geralmente suas atuações são em papéis masculinos ou trazendo a mãe de santo em seus enredos. Narrativas locais registram que Nina tinha um grande talento para atuar, seus papéis sempre tiraram grandes risadas do público.

### **2.3.A CONTINUIDADE DO TRABALHO FEMININO**

O trabalho de Nina Abreu encerrou na década de 80, Rita Abreu destaca:

Ela fez até a década de 80 os cordões, ai depois ela parou de fazer, quando ela parou de fazer ninguém deu continuidade né, então ficou um período bem grande. E ai quando eu assumir a secretária de assistência no fim de 2009, é, eu não sei se você já ouviu falar do grupo baioaras um grupo parafoclórico?, o coordenador do baioaras nos convidou pra ir lá em Marapani pra participar do evento que chama zimbarinbo. Então o zimbarimbo é um festival, é um negocio bem rústico, as barracas elas são daquelas madeiras que tu tira do mato mesmo, e aí tinha um palco grande e naquele palco durante os dois dias que a gente esteve lá se revezavam grupos de carimbó o tempo todo, então, o que a gente observou assim, eu e o meu marido a paixão em que as pessoas faziam aquilo, entrava grupo de criança, entrava grupos de idosos, grupo de jovens, tu via neles a paixão. Ai a gente começou a conversar: poxa, o nosso município não tem alguma coisa assim que seja identidade do nosso município, ai ele perguntou; Tu te lembra de alguma coisa que já foi forte em Abaetetuba? ai eu falei os cordões, eles eram fortes, eles tinham os grupos de cordões em que eles duelavam, tinha encontros deles e eles faziam desafios, e tudo isso se perdeu, aí eu falei pra ele; vou trazer isso de volta, tu me ajudas? E ele falou assim: vamos, a gente vai abraçar essa causa (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

A fala de Rita Abreu nos mostra o momento que nasce o desejo de voltar os folguedos das épocas de festa junina que marcaram épocas grandiosas no município, em que as casas que realizavam grande festas, eram cheias de credices e com diversos elementos populares, tínhamos: casamento na roça, vendas de cheio, quadrilhas e diversas danças folclóricas que ocorriam nas festas de santos, entre elas, temos; o lundu e os cordões juninos. (LOBATO, 2005, p.40). E por essa grande ligação que a cidade do imaginário construiu com seus habitantes, que Rita Abreu filha dessa terra que cresceu participando quando pequena e que vem de uma família que respira cultura popular resolve voltar ao trabalho que sua avó e mãe realizaram com tanto amor.

Para realizar o desejo que brotou em Marapanim, Rita começa o trabalho de conversar com os centros de referências de assistência social (CRAS), Freire et.al.(2016)

O CRAS é uma unidade pública estatal responsável pela oferta de serviços continuados de proteção social básica de assistência social às famílias, grupos e indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Os CRAS assumem as funções de gerenciar e executar ações de proteção básica no território referenciado (FREIRE et.al, 2016, p.87)

Observa-se um cenário distinto do que acompanhamos nos parágrafos anteriores, pois, nesse período Abaetetuba teve um aumento populacional significativo, gerada pela urbanização, com o aumento populacional se aumenta as desigualdades no município, devido não se ter políticas públicas que abrange o público de jovens e crianças nos bairros periféricos. E dessa forma a atuação do CRAS se desenvolve nos bairros, recebendo crianças e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade sócio econômicas para serem assistidas pelo estado. (FREIRE et.al.2016). Desta forma, Rita que é secretária de assistência propõe aos centros de referências os CRAS um projeto para que crianças e jovens atuassem em produções de cordões juninos. Segundo ela:

Dentro da política de assistência existia na época o projoovem, que hoje é o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, então dentro dessa atividade do projoovem existia uma atividade que chamava mapa do território, então nessa atividade do mapa do território tu mapear todas as potencialidades que tem naquele território, e aí nos estabelecemos como um desafio; uma atividade pra que jovens identificar no território dos cras os antigos produtores culturais de cordões, e aí eles foram pra campo pesquisar, por exemplo o pessoal do são Sebastião identificou o Osmar que trabalhava com o cordão pingo de ouro, o pessoal do CRAS do algodoal identificou dona Nena que era outra mulher que era produtora e trabalhava com o cordão da andorinha, o pessoal do CRAS do são Lourenço foi buscar a mamãe com o cordão da arara. E assim eles foram fazendo, e onde não tinha produtor, o pessoal de lá polo sete identificou o boi campineiro que era feito lá nas ilhas, eles foram conversar com as pessoas, escutar a história dessas produções desses folguedos, coletaram textos e fizeram roda de conversa e colocaram os textos e a partir desses textos fizeram pros CRAS pra trabalhar com a produção (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

Através da fala de Rita Abreu, percebemos como a produção dos cordões se construiu em 2010, buscando principalmente fazer com que esse jovem conheça um pouco da história rica e cultural do município. Para que principalmente ela aprenda a valorizar a cultura da região, que por um longo período foi apagada. Com o trabalho coletivo da assistência social nasce em 2010 os festivais de cordões juninos, que no primeiro ano de apresentação sofreu com alguns desafio, segundo Rita,

Nós fizemos um tablado na praça da bandeira, não era um palco de estrutura de evento, era um tablado descoberto, e nós pedimos barracas das distribuidoras e nem todas tinham coberta e a gente foi pra praça, então, no dia da abertura do festival caiu um temporal e a gente ficou lá na praça olhando e quando passou a chuva e a gente resolveu apresentar um dos cordões, por que os meninos insistiram muito, por que queriam apresentar, a luz foi embora e a gente ficou no escuro na praça. Então tudo que aconteceu naquele momento, naquele primeiro ano era motivo pra gente desistir, e o que a gente fez quem não conseguiu apresentar a noite o bora pra praça de manhã, e a gente apresenta de manhã, é sábado o povo vem das ilhas pra fazer feira e eles vão pra praça, apresentamos de manhã, e já na segunda noite já não choveu e a gente conseguiu apresentar também. (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

“Tem boto, matinta pereira e arara;  
Levanta o pé que lá vem araiá só pra te mostra;

Que o mundo da fantasia é lindo,

Pegue em minha mão e vem sorrindo que  
O cordão vai começar”

(Música de abertura dos cordões)

A música de abertura dos folguedos juninos apresenta elementos amazônicos presentes no cotidiano popular, que reforçam a ligação dos cordões com a natureza, os enredos que constroem as histórias dos grupos de cada folguedo apresentam a imaginação como ferramenta de criação, a imaginação traz consigo os animas amazônicos como destaca a música, essa imaginação poder ser relacionada ao imaginário tão tocados por Loureiro em suas obras, essa criatividade é inesgotável de crenças coletivas populares passadas pela oralidade.

Figura 13: Primeiro festival de cordões juninos de 2010



Fonte: Portfólio nossa terra nossa gente revivendo a memória popular.

Em 2010 inicia o trabalho da secretária de assistência nas produções de cordões juninos com os CRAS do município, esse trabalho teve a duração de 6 anos, tendo como principal objetivo, como destaca Miguel Caripuna em um vídeo disponível no youtube, que foi produzido pela prefeitura de Abaetetuba:

O festival de cordões juninos tem um papel social bastante significativo, por meio deles a secretária de assistência tem como principal meta de fortalecer os vínculos das famílias que estão no centro de referências de assistência social, então a ideia é que por meio do festival, as famílias tenham a possibilidade de uma maior interação entre elas e outras de outros territórios, e fazendo com que a partir daí elas possam por meio da arte e educação fortalecer ainda mais seus próprios veículos (Minguel Caripuna, entrevista realizada no youtube pela prefeitura de Abaetetuba, 12/05/2015).

Todos os anos era proposto um tema e todos os cordões produziam seus enredos a partir desse tema, os temas eram selecionados a partir de problemas sócias, que fazem parte da realidade das pessoas que participavam dos cordões, por exemplo, trabalho infantil, violência, drogas entre outros, todos os anos se trazia um tema diferente (Portfolio nossa terra nossa gente, 2015). O trabalho social realizado com esses jovens que se encontram em situações de vulnerabilidade sócio econômica, possibilita a eles a possibilidade de se expressar através da arte e da poesia presentes no cordões, apresentando as dificuldades que fazem parte do cotidiano do município, “O jovem vê na arte um elemento de transformação e demonstra interesse em trabalhar, além da própria produção artística, num processo de formação de outros jovens, mostrando outros caminhos e possibilidades” (Laranjeira, Iriart, Luedy, 2018,p. 437)

O trabalho no município busca tornar esse jovem protagonista de sua história usando arte como ferramenta contra toda violência que é presente em seus bairros, como destaca a prefeita da gestão municipal no período dos festivais juninos:

O resgate da cultura faz com que as pessoas se orgulhem da sua origem da sua história. Ela gera na juventude o sentimento de pertencimento, pertencer a um território, pertencer a uma cidade né, e isso é muito importante por que quando você tem esse sentimento de pertencimento fortalece a tua autoestima o teu amor próprio, você se sente pertencendo a um território, enquanto a juventude tem esse sentimento de amor próprio dificilmente ela irá enveredar pelo caminho da violência, da destruição, do uso de drogas por que ela se ama, né, então resgatar a cultura, fazer a gente ter orgulho da cultura com certeza fortalece a autoestima da juventude (fala de Francinete Carvalho, ex prefeita de Abaetetuba, entrevistada 03/11/2019).

A fala de Francinete reforça a importância que os cordões geram na juventude, pois a partir do momento que jovem atua e conhece sua história, e usa principalmente a arte para apresentar as suas vivências ele cria armaduras contra toda as problemáticas culturas presentes no seu cotidiano. Tener Farias educador social destaca um uma entrevista realizada pela prefeitura de Abaetetuba disponível no youtube:

A satisfação em saber que o nosso trabalho que a gente tá fazendo aqui já tá dando frutos na comunidade, né, a gente mora e trabalha no bairro do São Sebastião que o pessoal escuta falar e já prejulga né, a lá no São Sebastião e assim e assim, esses jovens estão vindo pra mostra que não é bem assim, né, eles vão mostrar um outro lado do São Sebastião, um lado artístico, o lado folclórico, o lado cultural, né em que eles tomaram pé dessa cultura e tão trazendo pra cá. Eu converso com o Ruck e digo: se um dia, digamos que o CRAS acabe mas o pingo de ouro vai continuar por que a comunidade já abraçou ele (Tener Farias, entrevista realizada pela prefeitura de Abaetetuba, 12/05/2015).

Através das falas apresentadas percebe-se a importância que os cordões desempenham para a juventude periférica do município, um folguedo popular criado pelo povo das margens, influencia vidas de jovens da periferia, apresentado que a arte muda vidas e os transforma protagonista de sua história. O trabalho desenvolvido por Rita Abreu a frente da assistência social é reconhecido em dois prêmios nacionais, em Gramado –RS no ano de 2015, e em Salvador no ano de 2016: a prefeita gestora no período das ações de assistência social também foi reconhecida nacionalmente em prêmio por boas práticas na gestão pública com a valorização da cultura (PORTFÓLIO, 2015)

O trabalho da secretária Rita Abreu e a Prefeita Francinete Carvalho, com o apoio coletivo dos assistentes sociais e educadores proporcionaram a crianças a chance de mudar a sua história através da arte, os seis anos em que os festivais aconteceram gerou grandes frutos para as margens periféricas da cidade, no entanto com o termino do mandato de Francinete Carvalho os investimentos em cultura se esgotaram, pois o novo prefeito no município parou de investir nos festivais, seu mandato se iniciou no ano de 2016 e a partir desse ano não se tem festival, segundo Rita; “Então, o que a gente percebeu nesses seis anos, que em plena era da tecnologia digital os meninos se apaixonaram pelo folguedo, tanto que quando entrou essa gestão aí que acabou com o festival, eles continuam cobrando: Rita bora fazer o festival” (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

Através das falas apresentadas percebe-se a importância que os cordões desempenham para a juventude periférica do município, um folguedo popular criado pelo

povo das margens, influencia vidas de jovens da periferia, apresentado que a arte muda vidas e os transforma protagonista de sua história. O trabalho desenvolvido por Rita Abreu a frente da assistência social é reconhecido em dois prêmios nacionais, em Gramado –RS no ano de 2015, e em Salvador no ano de 2016: a prefeita gestora no período das ações de assistência social também foi reconhecida nacionalmente em prêmio por boas práticas na gestão pública com a valorização da cultura (PORTFÓLIO, 2015), a imagem a seguir ira referenciar um dos prêmios recebidos por Rita Abreu com o trabalho com os cordões:

Imagem 14: Premiação em Salvador no ano de 2016



Fonte: Rita Abreu, 2016

O trabalho da secretária Rita Abreu e a Prefeita Francinete Carvalho, com o apoio coletivo dos assistentes sócias e educadores proporcionaram a crianças a chance de mudar a sua história através da arte, os 6 anos em que os festivais aconteceram gerou grandes frutos para as margens periféricas da cidade, no entanto com o termino do mandato de Francinete Carvalho os investimentos em cultura se esgotaram, pois o novo prefeito no município parou de investir nos festivais, seu mandato se iniciou no ano de 2016 e a partir desse ano não se tem festival, segundo Rita; “Então, o que a gente percebeu nesses 6 anos,

que em plena era da tecnologia digital os meninos se apaixonaram pelo folgado, tanto que quando entrou essa gestão aí que acabou com o festival, eles continuam cobrando; Rita bora fazer o festival” (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo notou-se que a cidade de Abaetetuba tem uma forte herança cultural com os cordões juninos, a arte popular que essa pequena cidade realizou foi passado de geração para geração, o que notamos inicialmente e que os primeiros cordões tem uma ligação familiar, afinal são as famílias que iniciam esse belo trabalho, que logo se espalha pela pequena Abaeté encantando olhares. Nesse processo o trabalho feminino se fortalece, são elas que continuam essa herança cultural iniciada por volta de 1915.

No decorrer da pesquisa foi citado como o trabalho feminino se estruturou em cada época, e principalmente as dificuldades enfrentadas por elas. Temos como referência inicial Joana Abreu que na produção dos seus cordões contou com ajuda de outras mulheres, seu trabalho é passado para Nina Abreu sua penúltima filha que continua o brilhante trabalho da mãe, quando Nina para de fazer os cordões se tem se tem um longo período sem a realização dos mesmos.

Quando se volta a realizar os cordões por volta de 2010, a partir de Rita a frente da secretária de assistência social, se tem nesse período uma nova perspectiva, afinal Abaetetuba não é mais aquela pequena cidade do início dos cordões juninos. Se busca nessa nova forma de trabalho com a juventude principalmente a dos bairros periféricos que estão mais expostos a violência, o fortalecimento de vínculos e que esse jovem principalmente se torne protagonista.

Esse trabalho gera diversos frutos positivos para a juventude, pois, pude perceber através de alguns vídeos disponíveis no youtube que apresenta as falas desse jovens o quanto contribuíram de alguma forma para suas vidas, a atuação de Rita Abreu e Francinete Carvalho e reconhecido nacionalmente apresenta a grandeza do projeto. Com a mudança na prefeitura do município na troca de prefeitos gera à não realização do festival, o que se tem nesse novo mandato é pouquíssimo apoio quando assunto é apoiar a cultura.

O que encontramos no decorrer de 2016, que é o ano que se inicia o mandato do prefeito Alcides Negrão até os dias de hoje é pouquíssima atuação dos cordões no município, o que se tem hoje em dia se concentra basicamente dentro dos CRAS de cada bairro, no entanto nem todos CRAS estão atuando no desenvolvimento dos cordões. O que notamos é que com a mudança de gestores causou o enfraquecimento na atuação dos

cordões, esses cordões tinham como artistas grupos diversos, como: a juventude, idosos e crianças que vinham da área urbana da cidade, área das ilhas e das estradas do município.

As apresentações sempre ocorriam em praça pública, a arte popular presente nesses seis anos em que se tinha os festivais de uma certa forma buscou lembrar as grandes festas juninas que ocorriam em Abaetetuba no século XX, claro que se tem uma modificação entre os séculos, afinal a cultura se modica com o tempo, temos no século XXI uma perspectiva mais social, tanto com os jovens dos bairros periféricos que usam a arte como fermenta contra as problemáticas presentes em seu cotidiano, os idosos que fortalecem os seus laços com os jovens gerando trocas entre gerações, e as crianças que desde pequenas entendem a importância da cultura amazonida e seus elementos.

Rita Abreu e Mirian Abreu filhas de Nina Abreu buscam voltar a atuação mais ampla dos cordões, a tentativa delas é não depender de ajudas governamentais para realização dos festivais. Segundo Rita,

Das coisas que a minha mãe fazia o que eu me identifico é com cordão, então a minha ideia é trazer esses cordões de volta, e eu acredito que a gente vai conseguir trazer, a minha ideia é começar movimentar no sentido que esses cordões se tornem autônomos e eles não dependa mais do serviço de convivência, mas que alguém se regularize como ONG. Por que se eles forem ONG eles podem captar recursos de outras forma não depende só do recurso que a gente vai atrás, a nossa ideia é empoderar o grupo pra que ele se torne autônomo, por que se isso acontecer independente de prefeito se eles existirem legalmente eles tem força pra exigir que o festival aconteça (Fala de Rita Abreu, entrevistada no dia 24/06/2019)

Os conhecimentos herdados que Rita e Mirian tiveram com sua mãe e avó através da oralidade as incentivam em continuar o trabalho delas, afinal atualmente atuação dos cordões se encontram reduzidas, a tentativa delas de ampliar os folguedos novamente no barracão de Nina Abreu possibilitará a população do município a oportunidade de acompanhar de forma mais próxima os festivais juninos que sempre estiveram presentes nessa região. Portanto nota-se que atuação feminina se encontra no século XX e XXI, buscando sempre manter viva o conhecimento herdado através das vivências e oralidade.

## FONTES DA PESQUISA

### a) FONTES ORAIS:

Maria Esperança. Entrevistada. 01/07/2019. Abaetetuba/PA

Antônia do Espírito Santo Cavalcante. Entrevistada. 24/07/2019. Abaetetuba/PA

Raimundo Eurogildo dos Passos Lima. Entrevistado. 28/10/2019.

Abaetetuba/PA

Rita Abreu. Entrevistada. 24/06/2019. Abaetetuba/PA

Minguel Caripuna. Entrevista realizada no youtube pela prefeitura de Abaetetuba, 12/05/2015. Abaetetuba/PA

Francinete Carvalho. Entrevistada. 03/11/2019. Abaetetuba/PA

Tener Farias. Entrevista realizada pela prefeitura de Abaetetuba. 12/05/2015. Abaetetuba/PA

### b) FONTES DOCUMENTAIS ESCRITAS:

- Portfolio Eternamente Nina Abreu
- Portfolio Nossa Terra nossa Gente Revivendo a Memória Popular

### c) FONTES DOCUMENTAIS IMAGÉTICAS:

- Fotografias do acervo da Família Abreu, Abaetetuba-Pará
- Fotografias do Portfolio Nossa Terra nossa Gente Revivendo a Memória Popular, Abaetetuba-Pará
- Fotografia do Blog do Ademir Rocha, Abaetetuba-Pará
- Fotografia da Página Cuíra Produção Cultural, Abaetetuba-Pará
- Mapa de localização de Abaetetuba, disponível em GoogleMaps

d) FONTES BIBLIOGRAFICAS:

LOBATO, Maria de Nazaré Carvalho, **Do Banzo as Maresias “Folguedo Junino”**. Apoio da prefeitura de Abaetetuba. Abaetetuba/PA, 2005

SILVA, Merian Abreu, **Centro Cultural Nina Abreu; Uma História de Luta pela Arte e Cultura Popular Abaetetubense**. Monografia (Graduação em Arquitetura) In, p.12-72, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura, Belém/março, 1993.

GOMES, Jones. **Cidade Arte: Insurgências Poéticas nas margens de Abaetetuba-PA**. Paisagens Hídricas. 2018

GOMES, Jones. **Cidade da Arte Uma poética de resistência nas Margens de Abaetetuba**. Revista Pzz, Belém, Edição 24, p.4-118, 2016

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Sergio Ivan Gil, **O Boi é Bom para Pensar: Estrutura e História nos Bois-Bumbás de Parentins**, Somanlu, v. 2, número especial, 2002.

BELTRÃO, Luiz, **Folkcomunicação: A Comunicação dos Marginalizados/** Luiz Beltrão. São Paulo; Cortez,1980

BOSI, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. Trad.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BARROS, José D'Assunção, **História Cultural – Um Panorama Teórico e Historiográfico**, *Textos de História*, UNB, volume 11 – nº 1 e 2, p.1-24, 2003

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CRARONE, Olinda, **O Teatro dos Passáros Como Uma Forma de Espetáculo Pós-Moderno**, Revista ensaio geral, Belém, v.1,n.1, jan-jun,2009

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1995

DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura popular do Guamá: Um estudo sobre o Boi Bumbá e outras práticas culturais em um bairro periférico de Belém**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009

DIAS, Ana Paula Viana e GEBRA, Fernando de Moraes. **Elementos Folclóricos e Populares no Poema “Batuque” de Bruno de Menezes**. IN: Interfaces- Guarapuava, Vol. 3 n. 2 (dez.

2012)ISSN21790027[https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/2051](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/2051)

Denise H. P. Laranjeira, Mirela Figueiredo Iriart e Eduardo Luedy, **Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil**, Etnográfica [Online], vol. 22 (2) | 2018, Online desde 07 julho 2018, consultado em 23 novembro2019. URL: <file:///C:/Users/miche/Downloads/etnografica-5614.pdf>

FERREIRA, H; Filho, Marcelo; Pinto, Cláudia, **(Em) canto de Santo: Religiosidade Identidade no Bumbá-meu-Boi do Maranhão**, Linguagens e Identidades Múltiplas Olhares, III Seminário Linguagem e Identidades: múltiplos olhares, número 4. p.1-14, 2013

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha, **Terra de Caboclo** /Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, prefácio de Liana Trindade. - São Luís: SECMA, 1994.

FREIRE, Mônica Rei Moreira, **Levantamento da Rede de Atendimento à Criança e ao Adolescente no Município de Abaetetuba: Notas Teóricas, Metodológicas, Considerações Gerais e Características do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente**. /Mônica Rei Moreira Freire, Iracema Jandira Oliveira da Silva, Kátia Jordy Figueiredo, Brenda Corrêa Lima Ayan. Belém: Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude, 2016.

GOMES, Jones da Silva. **Cidade Arte: Insurgências Poéticas nas margens de Abaetetuba-PA**. Paisagens Hídricas. Escola de Belas Artes | Universidade Federal do Rio de Janeiro - EBA/UFRJ Vol. I – N.º.2 p. 14-33.2018

\_\_\_\_\_, **Miriti Mãos que Tecem Sonhos**, 1ª.edição/Homenagem Nina Abreu Resistência Cultural, Marques Editora,Belém- Pará, p.38-39, 2007

\_\_\_\_\_, **Cidade da Arte Uma Poética de Resistência nas Margens de Abaetetuba**. Revista Pzz, Belém, Edição 24, p.4-118, 2016

HALL.Stiari, **Da Diaspora: Identidades e Mediações Culturais** / Stuart Hall; Organizacao Liv Sovik; Traducaao Adelaine La Guardia Resende ... et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasilia: Representacao da UNESCO no Brasil, p. 1-18, 2003

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou, **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**/ editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed.rev.- Brasília: UNESCO.cap.8,p. 168-212, 2010

LOUREIRO, João de Jesus Paes, 1939 Obras reunidas/João de Jesus de Paes Loureiro. São Paulo: Escrituras Editora, 2000

\_\_\_\_\_, João de Jesus Paes, 1939, Obras Reunidas, volume 4/ João de Paes Loureiro. São Paulo; Escrituras Editora, 2000

LARAIA, Roque de Barros. 1932- **Cultura um Conceito Antropológico**, 14.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001

LOBATO, Maria de Nazaré Carvalho, **Do Banzo as Maresias “Folguedo Junino”**. Apoio da prefeitura de Abaetetuba. Abaetetuba/Pa, 2005

MOURA, O teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará: da dramaturgia ao espetáculo, Belém, SECULT-PA, 1997.

MENESES, Bruno. **Obras Completas de Bruno de Meneses**. – Belém; Secretária Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, obras Poéticas v.2. Folclore, 1993

MAÚES, Marton, **Breve Vôo Sobre o Universo Imagético do Pássaro Junino Paraense**, Revista Ensaio Geral, Belém, v.1, n.1, jan-jun|. p.1-8, 2009

PINTO, Benedita Celeste de Moraes, **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. 1ª. ed. Belém: Editora Açáí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Paka Tatu: Belém, 2004.

PERROT, Michelle. **Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**, Michelle Perrot; Tradução Denize Bottmann, Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988. (Oficinas da história)

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **As Mulheres ou os Silencios da História**, Michelle Perrot: Tradução Viviane Ribeiro, Bauru, SP: EDUSC,2005.

PANTOJA, Leticia. **Entre Currais de Bois, Cordões e Pastores: circuitos de expressar, ser e viver na cidade de Belém nos anos de 1920 a 1940**. Faces da História Assis-SP, v.5,º2,p.168-190, jul.-dez., 2018

RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

ROGER, Bastide, **Religiões Africanas no Brasil; Contribuição a Uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**; tradução Maria Eloisa Capellato e Olivia Krahenbuhl, Livraria Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo, 1971

SILVA, Merian Abreu, **Centro Cultural Nina Abreu; Uma História de Luta pela Arte e Cultura Popular Abaetetubense**. Monografia (Graduação em Arquitetura) In, p.12-72, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura, Belém/março, 1993

SOUSA, Edson Rodrigo, **A Economia da Borracha na Amazônia e sua Influência na Inserção do Pentecostalismo no Norte do Brasil em 1910**, Monografias - Universidade Tuiuti do Paraná, História, 2014, pp.43-66

SALLES, Vicente, **O Negro no Pará, Bob o Regime da Escravidão**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv, de publicação [e] Univ. Federal do Pará, 1971